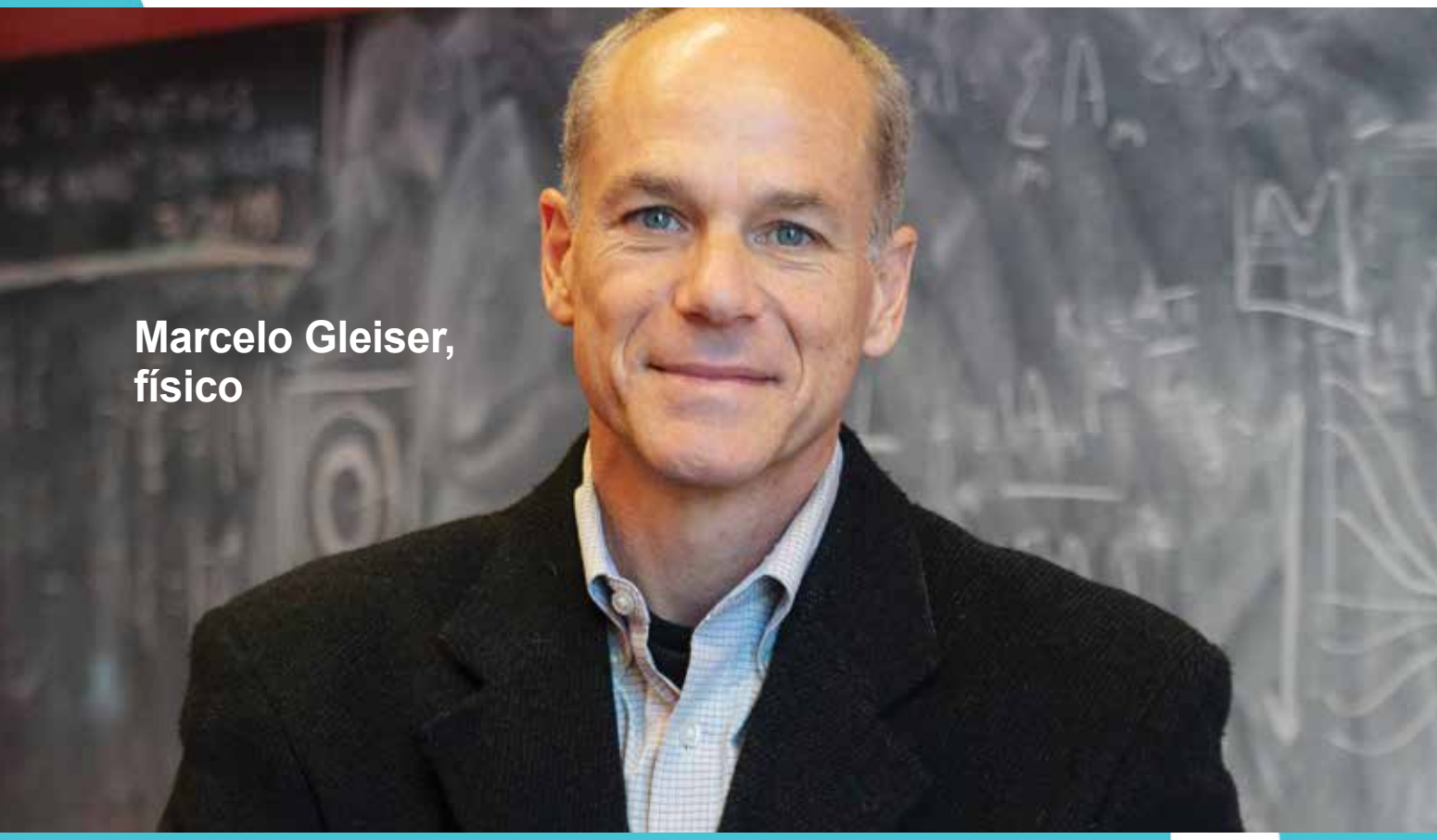
REVISTA

IBEF®

INSTITUTO BRASILEIRO DE EXECUTIVOS DE FINANÇAS

ANO XV - NÚMERO 82 - BIMESTRAL - 2019
www.ibefrio.org.br



Marcelo Gleiser, físico

Ricardo Coelho: novo gás para crescimento sustentável

Gilberto Ururahy: prevenção e saúde nas empresas

Ricardo Takahira: elétricos são viáveis no Brasil?

Estante: Gestão de Carreira, de Miriam Gold

IBEF
Rio de Janeiro

PEQUENO MÉDIO GRANDE

TRANSFORMAMOS OPORTUNIDADES EM EXPERIÊNCIAS DE TODOS OS TAMANHOS.

Seja em sua próxima viagem corporativa, um grandioso evento, uma reunião executiva ou uma festa de final de ano para celebrar grandes conquistas. Somos um grupo 360° que oferece entregas completas para garantir os melhores resultados para você.

O Grupo ABC MAIS é composto por duas agências de turismo e uma de comunicação e eventos: ABC Turismo (RJ), Mtravel Turismo (SP) e Elemental.5 (SP), além de um time de 120 pessoas para encarar seus desafios em qualquer lugar do mundo.

GRUPO ABCMAIS

ABC TURISMO

MTRAVEL TURISMO

Elemental.5 AGÊNCIA CRIATIVA

Elemental.5: (11) 3165-4444
www.elemental5.com.br

MTravel Turismo: (11) 3168-0777
ABC Turismo: (21) 3861-9000
www.abctur.com.br

Editorial

MP da Liberdade Econômica

A **Revista IBEF** chega a edição número 82 com esperança para dias melhores em nosso país. A Medida Provisória da Liberdade Econômica e a Lei que criou as Empresas Simples de Crédito (ESC) são importantes medidas adotadas pelo governo que se instalou no Brasil, em 1º de janeiro último.
Enquanto a Reforma da Previdência irá surtir efeitos concretos somente daqui a alguns anos e a Reforma Tributária – se acontecer – dependerá de um processo de adequação demorado, as duas medidas já aprovadas, conjugadas, criarão cerca de 3 milhões de novos postos formais de trabalho durante os próximos 12 meses. Com isso, a MP da Liberdade Econômica e a (ESC) também ajudarão a diminuir outro grande problema da economia brasileira: a informalidade.

Segundo levantamento do Instituto Locomotiva, 45% dos brasileiros são "desbancarizados", ou seja, não possuem contas bancárias e nem movimentam seus recursos através de instituições financeiras. Isso corresponde a 21,73% da população brasileira total ou 56,96% da população economicamente ativa. Esse segmento da população, sem qualquer vínculo com nenhuma instituição financeira, movimenta algo em torno de R$ 817 bilhões por ano – 3,63 vezes o PIB do Uruguai.

As (ESC), criadas pela Lei Complementar 167/2019, atenderão grande parte desse público que vive informalmente na economia brasileira e que representa 12,01% do total do PIB do país (R$ 6,8 trilhões em 2018).

Marcos Chouin Varejão - Outubro 2019

Índice

EDITORIAL.....1
Marcos Varejão.

CAPA.....2
Marcelo Gleiser: físico

NACIONAL.....4
AGU zera passivo de dois mil processos consultivos.

OPINIÃO.....5
Gilberto Ururahy - Prevenção reduz o peso da saúde das organizações.

OPINIÃO.....6
Ricardo Vieira Coelho: novo gás para crescimento sustentável.

NACIONAL.....8
Especialista fala sobre a desorientação das empresas na jornada para a nuvem.

INTERNACIONAL.....10
Aumento da taxa de dependência será um desafio adicional para as economias emergentes nos próximos anos

OPINIÃO.....12
André Felipe de Lima.: queremos outro 7 a 1?

OPINIÃO.....13
Armando Kolbe Júnior: o Deep Fake está cada vez mais comum e assusta com o poder da tecnologia.

OPINIÃO.....14
Dr. Vinícius Rodrigues da Silva e Prof. Dr. Pablo González Blasco: família é "paciente oculto".

RH.....16
Flávia Riso,Fernando Barrueco e Anne Napoli.

NACIONAL.....17
Os cinco erros mais comuns na educação financeira.

NACIONAL.....18
Bancos digitais melhoram aavaliação de bancos tradicionais.

ECONOMIA.....20
Elisabete Waller: como usar a tecnologia para construir negócios mais inteligentes.

NACIONAL.....22
Substâncias escondidas na água desafiam pesquisadores da USP.

DAY TRADE.....24
Coluna de informação.

INTERNACIONAL.....25
Objetivo é avaliar qual a melhor estratégia no caso brasileiro.

SAÚDE.....26
Tatiane Calve: a prática de atividades de lazer em idosos institucionalizados .

ESTANTE.....27
Coluna sobre publicações editoriais.

GASTRONOMIA.....28
Queijos Ile de France chegam ao Brasil.

OPINIÃO.....29
Alyson Ribeiro: "Basiléia IV" - A nova geração dos ativos ponderados pelo risco.

INTERNACIONAL.....30
Igualdade de gênero no empreendedorismo pode gerar US$ 5 trilhões à economia global.

OPINIÃO.....32
Marcello Pinsdorf: cinco orientações éticas da IA que todo executivo C-level deve ler.

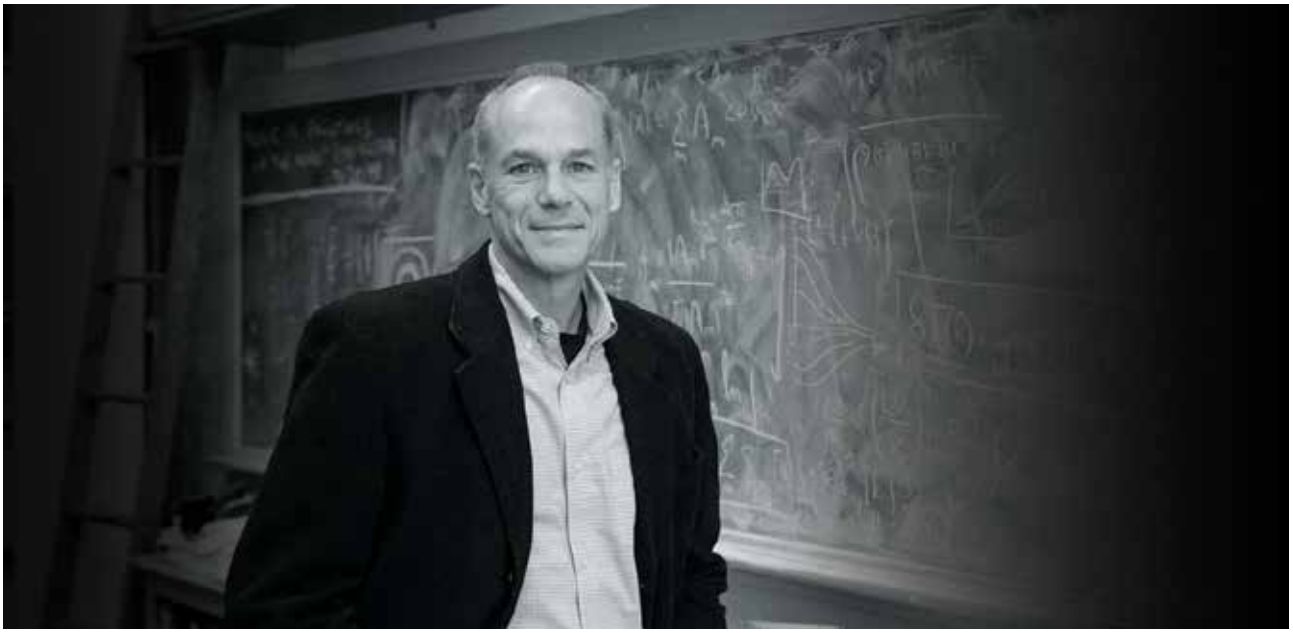
NACIONAL.....33
Ponte bancada por Itaipu já atrai atenção de grandes investidores para o Porto Meira.

NACIONAL.....36
Ibef comemora 48 anos e nova diretoria 2019/2021 toma posse.

INTERNACIONAL.....37
EMBRAPII vai explorar ecossistema de inovação nos EUA.

JURISPRUDÊNCIA.....38
Representantes do CNJ apresentam projeto "justiça presente" a gestores do TRF3.

OPINIÃO.....40
Ricardo Takahira: elétricos são viáveis no Brasil?



Marcelo Gleiser, físico

Marcelo Gleiser, nasceu no Rio de Janeiro, em 19 de março de 1959, portanto fez 60 anos. Ele esteve no Brasil, mês passado, para lançar seu décimo quinto livro "O Caldeirão Azul", pela Editora Record.

É físico, astrônomo, professor, escritor e roteirista brasileiro, atualmente pesquisador da Faculdade de Dartmouth, nos Estados Unidos. É membro e ex-conselheiro geral da American Physical Society.

Conhecido nos Estados Unidos por suas aulas, pesquisas científicas, livros e artigos. Participou de programas de televisão dos Estados Unidos, da Inglaterra e do Brasil, entre eles, o Fantástico.

Marcelo recebeu o Prêmio Jabuti em 1998, pelo livro A Dança do Universo, e em 2002 por O Fim da Terra e do Céu. Em 2007, foi eleito membro da Academia Brasileira de Filosofia.

Em março de 2019, tornou-se o primeiro latino-americano a ser contemplado com o Prêmio Templeton, tido informalmente como o "Nobel da espiritualidade", que inclui Desmond Tutu, Alexander Soljenítsin e Dalai Lama e que é dado a personalidades que contribuiram para as questões mais intrigantes e profundas enfrentadas pela humanidade. Primeiro latino americano a ganhar esse prêmio, criado em 1972, Marcelo Gleiser já recebeu o prêmio, uma escultura e 1,1 milhão de libras esterlinas, equivalente a R$ 5, 5 milhões.

Quando criança, morando no Rio de Janeiro, gostava de tocar violão e jogar vôlei. Mesmo não se interessando por matemática, desde cedo eram claros seu interesse e paixão pela natureza. Queria ser músico, mas seu pai, Isaac, que era dentista, convenceu-o a mudar de ideia, pois, segundo ele, a música seria uma escolha arriscada, tornando incerto seu futuro profissional.

Após cursar dois anos de Engenharia Química, Gleiser transferiu-se para o curso de Física da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Bacharelou-se em 1981. No ano seguinte fez seu mestrado na Universidade Federal do Rio de Janeiro e em 1986 obteve seu doutorado no King's College London na Universidade de Londres. Em 1988 obteve um pós-doutorado pela Fermilab e em 1991 pelo Institute for Theoretical Physics da Universidade da Califórnia.

Desde 1991, é professor de Física e Astronomia e pesquisador da Dartmouth College em Hanover, Estados Unidos. Já fez parte do grupo de pesquisadores do Fermilab, em Chicago, e do Institute for Theoretical Physics da Califórnia. Recebeu bolsas para pesquisas da NASA, da National Science Foundation e da OTAN.

Na Dartmouth, ministra a disciplina "Física para Poetas", cujas aulas se caracterizam por relatos da história da ciência e dos cientistas juntamente com explicações sobre os fundamentos da física no laboratório através de experiências e demonstrações em sala de aula.

Em 1994, ganhou do presidente norte-americano Bill Clinton o prêmio Presidential Faculty Fellows Award por seu trabalho de pesquisa em cosmologia e por sua dedicação ao ensino. Em 1995, ganhou o Dartmouth Award for Outstanding Creative or Scholarly Work e venceu em 2001 o prêmio José Reis de Divulgação Científica. Em 2001, Gleiser foi eleito Fellow da American Physical Society, a Sociedade de Física Americana, da qual é membro. Seu ensaio "Emergent Realities in the Cosmos" apareceu na antologia Best American Science Writing 2003, editada por Oliver Sacks.

Em 1997, lançou no Brasil seu primeiro livro, A Dança do Universo, que trata da questão da origem do Universo tanto sob o ponto de vista científico quanto religioso. O livro, escrito para o público não-especializado, tornou-se num marco da divulgação científica no Brasil.

Em 1998 ganhou o Prêmio Jabuti por esse livro, prêmio que viria a repetir em 2002 pelo livro O fim da Terra e do Céu. Em 2005, lançou uma coletânea de suas colunas publicadas na Folha de S.Paulo de 1999 a 2004 intitulada Micro Macro, e em 2007, dando prosseguimento à coleção, outra intitulada Micro Macro 2. A sua primeira obra inspirou uma peça de teatro do grupo Arte e Ciência no Palco, que estreou no Festival de Curitiba, e foi apresentada em vários teatros e festivais no Brasil e em Portugal. Em 2006, publicou A Harmonia do Mundo, seu primeiro romance e também um best seller, sobre a vida e obra do astrônomo alemão Johannes Kepler. Em 2010, publicou o livro "Criação Imperfeita: Cosmo, Vida e o Código Oculto da Natureza", onde faz criticas a várias das ideias de unificação na física, argumenta que as assimetrias do Universo não tiveram origem a partir de um Deus, e que são as imperfeições que causaram e causam a formação de estruturas na Natureza, do átomo às células. O livro foi publicado em sete línguas. Em 2015, publicou The Island of Knowledge que lida com o problema do necessariamente incompleto conhecimento científico e dos limites das explicações do universo. Em setembro de 2006 estreou nos cinemas o filme O Maior Amor do Mundo, de Cacá Diegues, com consultoria de Gleiser. O filme conta a história de um astrofísico que volta ao Brasil.

Em 2006, apresentou um bloco no programa dominical Fantástico, da Rede Globo, chamado "Poeira das Estrelas". A série em muito lembra a série Cosmos, de Carl Sagan, com episódios abordando temas científicos e mantendo o foco na astronomia e na origem da vida. A série inspirou um livro homônimo publicado no mesmo ano. Dois anos depois, em 2008, também no Fantástico, apresentou outra série de conteúdo científico: "Mundos Invisíveis", onde explorou a história da física e da química, da alquimia à física de partículas elementares. Em 2010, narrou o documentário Como Funciona o Universo, exibido pelo Discovery Channel. Hoje tem um canal no Youtube.

Marcelo Gleiser, além de dar aulas na universidade, realiza palestras e também leciona em cruzeiros com caçadores de eclipses. Já viajou de Zanzibar a Madagáscar e pelo Mar Negro. Nessas viagens aproveita para praticar mergulho.

Possui como hobby a pesca com isca artificial (*fly fishing*), que pratica na cidade onde mora, Hanover. Lá, além da pesca, gosta de praticar alpinismo. Mantinha amizade com o escritor norte-americano Oliver Sacks, a quem fazia visitas em Nova Iorque. Também é amigo de Roald Hoffmann, ganhador do prêmio Nobel de Química de 1981. Roald já desfilou com Gleiser pela escola de samba Unidos da Tijuca vestidos de Santos Dumont, no carnaval de 2004.

Marcelo Gleiser, vive com a família no estado de Nova Hampshire, nos EUA.

AGU zera passivo de dois mil processos consultivos que estavam pendentes desde 2012

A Advocacia-Geral da União (AGU) zerou o passivo de processos e pareceres consultivos pendentes de manifestação jurídica de órgãos internos nos últimos anos. Em janeiro de 2019, mais de dois mil processos faziam parte da lista de pendências, aguardando providências administrativas ou a emissão de análises jurídicas relevantes para os órgãos públicos. Os 585 processos ainda pendentes foram abertos neste ano.

Segundo o consultor-geral da União, Arthur Cerqueira Valério, dentre as pendências administrativas estava a expedição de ofícios, ciência de órgãos e encerramento de tarefas. Já os pareceres jurídicos geralmente dependiam de aprovação ou realização de diligências por parte de outras unidades.

Uma lista de tarefas passou a fazer parte do acompanhamento interno da CGU, por meio de um sistema conhecido como Sapiens. Cada departamento possui funções a serem desempenhadas, como "dar andamento", "analisar processo", "elaborar manifestação jurídica consultiva", "analisar manifestação", "aprovar documento", "acompanhar processo administrativo", "solicitar aprovação pela autoridade superior", dentre outros.

O advogado-geral da União, André Mendonça, disse que o resultado prático da medida é a CGU trabalhar, a partir de agora, com processos que terão prazo menor para manifestação. "Hoje a Consultoria-Geral da União, pela primeira vez na história, trabalha com processos com atividades abertas apenas no ano correspondente. É uma alegria para mim, o que demonstra o comprometimento de toda a CGU na resolução não só segura, mas também célere de todas as demandas e questões jurídicas a ela submetidas", elogiou.

O Departamento de Coordenação e Orientação de Órgãos Jurídicos (Decor) é responsável por elaborar pareceres que, em algumas situações, são assinados pelo presidente da República e passam a ser cumpridos por toda a Administração Pública.

"Para resolver conflitos, consultamos os órgãos envolvidos e colhemos as manifestações jurídicas. Só depois o Decor conclui pela tese final. Acontece que, por diversos motivos, o departamento fazia a demanda e os órgãos demoravam meses ou até anos para responder. Então estamos estabelecendo um procedimento para evitar que esses prazos se alonguem demais. Nós temos conferido normalmente o prazo de 30 dias, reiterando o pedido de subsídios. Não havendo resposta, a orientação é que o Decor se debruce sobre a matéria e uniformize o entendimento", explicou o consultor-geral.

EXEMPLOS

Ele cita como exemplo um processo iniciado em 2014 que dependia somente da resposta de outros dirigentes para que fosse finalizado. Outro caso envolveu o parecer sobre a possibilidade de o servidor público acumular em caráter excepcional mais de um cargo público com carga horária acima de 60 horas desde que haja compatibilidade de horário, que começou a tramitar em 2017. Aprovada pelo presidente Jair Bolsonaro dois anos depois, em abril deste ano, a orientação passou a ser vinculante. "É um parecer bastante relevante, que repercute muito na vida funcional de todos os servidores do Poder Executivo, que estava pendente de aprovação", disse.

De acordo com Valério, a maior celeridade no encaminhamento dos processos tem como objetivo colocar em prática uma das quatro diretrizes da gestão da AGU: a transparência. "O que fizemos foi um trabalho de conscientização e mudança de cultura com todos os membros e servidores para que passassem a tratar esses processos mais antigos, atuar de forma mais eficaz com os fluxos, para que pudéssemos zerar esse passivo e trabalhar apenas com os processos de 2019", afirmou. Dos 917 processos iniciados neste ano, 332 já foram encerrados.

CONSULTA ÁGIL

Dentre os resultados também está a divulgação ativa e prática dos dados referentes ao trabalho dos consultores da União. Por meio de uma ferramenta interna, os membros e servidores da AGU conseguem acompanhar os pareceres, notas e manifestações emitidas, podendo inclusive fazer uma busca simples por palavras-chave. O instrumento permite, por exemplo, verificar que mais de 96 mil manifestações jurídicas no âmbito de 71 mil processos já foram expedidas pela CGU este ano.

O consultor-geral da União substituto, Giordano Rossetto, lembra que além de processos que necessitavam de providências administrativas, os membros da CGU tiveram que se debruçar sobre processos que requeriam uma análise mais aprofundada. "Criamos um relatório de acompanhamento, em que o advogado da União pode relacionar todos os processos que acompanha. O trabalho que antes tinha que ser feito por meio da criação de uma tarefa eletrônica, que ficava pendente e impactava as estatísticas, hoje é possível ser feito por meio desse relatório. Estamos agora mapeando as atividades e estudando as demandas de cada departamento com o objetivo de estabelecer um fluxo mais uniforme", afirma.

Prevenção reduz o peso da saúde das organizações

*Gilberto Ururahy**

Hoje, o plano de saúde é o segundo maior custo de uma empresa, respondendo, em média, de 12 a 15% da folha de pagamento. Porém, ao mesmo tempo em que representa um elevado gasto, também é um dos principais fatores de atração. Pesquisas já apontaram o benefício como o terceiro maior desejo do brasileiro, atrás apenas da casa própria e da educação. A melhor forma de equilibrar essa balança é orientar o funcionário a cuidar melhor da própria saúde. E a verdade é que o brasileiro, de uma forma geral, tem hábitos nada saudáveis. Prova disso é que mais da metade da população está acima do peso e quase 50% não pratica atividades físicas.

O homem é o maior ativo de uma empresa. Somente ele é capaz de criar, desenvolver e perpetuar o negócio. A saúde é o seu combustível, o que lhe permite evoluir em todas as suas dimensões. Preservá-la, praticar a prevenção é um ato de autoestima, de responsabilidade consigo, com sua família, com a empresa e com a sociedade. As organizações sabem o quanto é oneroso substituir um profissional estratégico que se afastou de suas funções, subitamente, por razões de saúde. É oneroso sobre vários prismas: da segurança empresarial, da quebra da engrenagem com consequente perda de resultados, além da falta de segurança, baixa do bem-estar entre os pares e aumento do absenteísmo.

Melhorar nossa saúde depende da gestão adequada de quatro instâncias: a pessoal, a profissional, a física e a emocional. Mais de 70% das doenças têm relação com o estilo de vida, e a genética entra com apenas 17% nessa conta. A identificação das situações estressantes, aliada ao entendimento das emoções e dos comportamentos mal adaptados que elas produzem, é tão importante quanto identificar os hábitos prejudiciais à saúde. É preciso que o indivíduo tome as rédeas do seu próprio cuidado.

Porém, não é fácil promover mudanças sem apoio. A maior parte das pessoas costuma alegar falta de tempo para realizar os exames preventivos. Por isso, é preciso que a saúde seja um item primordial dentro da estratégia das organizações. Especificamente no caso dos executivos, profissionais responsáveis pelas decisões que determinam o norte da empresa, a pressão do cargo por si só já envolve um estresse onipresente e que se apresenta como grande ameaça, o que abre as portas para vários males.

Estabelecer uma rotina de exames preventivos significa, para a empresa, identificar os fatores de risco para a saúde de quem responde pela gestão da organização. No atual momento do mercado de trabalho, em que há dificuldades para encontrar executivos qualificados para gerir as organizações em tempos difíceis, ver um gestor se afastar por uma doença que poderia ser prevenida, pode afetar a sustentabilidade da instituição. Toda mudança de hábito exige vontade e disciplina. Ações voltadas para a prevenção desenvolvidas pelas organizações podem auxiliar a enfrentar esse desafio, ao buscar conscientizar o seu quadro de funcionários e, por consequência, melhorará os resultados do negócio.

** Diretor médico da Med-Rio Check-Up.*

Novo gás para crescimento sustentável

*Ricardo Vieira Coelho**

Desde a emenda constitucional que, em 1995, flexibilizou o monopólio da União sobre a produção de petróleo e gás natural, seguida da Lei do Petróleo de 1997, muitas mudanças têm ocorrido na indústria de oil & gas no Brasil, com a entrada de novos atores e profundo impacto por sua atratividade nos vários segmentos desse mercado, seja upstream, midstream ou downstream. Em 2009 tivemos a Nova Lei do Gás e em 2010 a Lei de Partilha de Produção e a da Cessão Onerosa.

Depois de um inesperado jejum na realização de leilões para conceder a operação de campos de petróleo e gás natural a empresas do setor privado, em parceria com a Petrobras, as rodadas de licitação voltaram a ser realizadas, agora com um ajuste feito na legislação em 2016. A Petrobras deixou então de ser obrigatoriamente a operadora exclusiva no pré-sal e demais áreas estratégicas, o que implicava em um fardo excessivo especialmente no que diz respeito a compromissos financeiros, e passou a ter preferência para ser operadora sempre que conveniente do ponto de vista comercial, econômico e estratégico.

Ainda em 2016 tivemos o lançamento do programa Gás Para Crescer, que previa estudos e propostas de ajustes no marco regulatório, objetivando o fim do monopólio fático detido pela Petrobras no transporte de gás natural e o desinvestimento da Petrobras nessas empresas de transporte de gás. Temos uma Nova Lei do Gás em discussão no Congresso.

Todas essas inovações têm impactado de forma muito positiva no Brasil as atividades de exploração, perfuração, produção, transformação, refino e logística de transporte, distribuição e comercialização de gás natural, petróleo e seus derivados. Agora em 2019, já teremos a 16ª Rodada de Licitações, a 6ª Rodada de Partilha da Produção e a Licitação do Excedente da Cessão Onerosa.

Ainda em 2019, o Conselho Nacional de Política Energética – CNPE tem adotado várias resoluções que revelam claramente uma política direcionada a fomentar ainda mais o desenvolvimento do mercado de oil & gas no Brasil e criar várias novas oportunidades de negócio. Isso porque o governo federal está fortemente empenhado em aquecer a

"Em maio deste ano, foi estabelecida a diretriz de atingir a livre competição na indústria de refino, com a recomendação para a que a Petrobras desinvestisse em 8 de suas refinarias."

economia brasileira e, através da redução do custo da energia, com a utilização do gás natural em bases mais competitivas, pretende incrementar as atividades industriais, gerando mais concorrência, empregos e investimentos.

Em maio deste ano, foi estabelecida a diretriz de atingir a livre competição na indústria de refino, com a recomendação para a que a Petrobras desinvestisse em 8 de suas refinarias. Essa recomendação foi logo em seguida objeto de termos de compromisso de cessação de prática firmado entre a Petrobras e o Conselho Administrativo de Defesa Econômica – CADE, sob os auspícios da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis – ANP, mediante o qual foi definido a alienação de diversos ativos, incluindo as transportadoras Nova Transportadora do Sudeste – NTS, Transportadora Associada de Gás – TAG e Transportadora Brasileira Gasoduto Bolívia-Brasil – TBG, a participação indireta da Petrobras em companhias distribuidoras e também a venda de 8 das suas 13 refinarias, com fixação de cronograma para cumprimento desses compromissos. Foi criada também restrição para que várias refinarias sejam adquiridas por empresas de um mesmo grupo econômico, alimentando clusters regionais. Na mesma linha, foi aprovada pela Petrobras a redução de sua participação na BR Distribuidora, já realizada.

Da mesma forma, o CNPE divulgou diretrizes para a promoção da livre concorrência no abastecimento de combustíveis, derivados de petróleo e biocombustíveis; o aprimoramento e a flexibilização da relação transportador-revendedor-retalhista e varejista, além de estudos sobre arranjos societários e para melhor avaliação do tipo de autorização em portos públicos e condições de acesso de terceiros a terminais aquaviários, bem como a dutos de transporte e terminais terrestres, para movimentação de petróleo, seus derivados e biocombustíveis, além de promover a articulação com os Estados para harmonizar os tributos incidentes sobre combustíveis.

Assim, em meados deste ano foi lançado pelo governo federal o Novo Mercado do Gás, um importante programa de aperfeiçoamento que busca trazer mais competição para o mercado de gás natural no Brasil, com incentivos para eliminar o monopólio estadual na distribuição de gás canalizado, romper o controle da Petrobras sobre o comércio de gás natural e obter o comprometimento da Petrobras em desinvestir nas distribuidoras e transportadoras de gás natural, juntamente com oferta da capacidade disponível de transporte nos gasodutos. Essa transição para o mercado concorrencial de gás natural deverá ocorrer de forma coordenada, ampliando as condições de acesso e eficiência na operação e utilização das infraestruturas de transporte de gás natural, promovendo a transparência no acesso ao escoamento e processamento de gás natural e aos terminais de gás natural liquefeito, com respeito aos contratos e à governança das empresas, autonomia e fortalecimento das agências reguladoras, adoção de metodologia tarifária e integração do setor de gás natural com os setores elétricos e industrial.

Dentro dessa transição para um mercado integrado, vale mencionar ainda as metas existentes para a adoção de um padrão de combustíveis de baixo carbono (low carbon fuels), e as restrições estabelecidas pela International Maritime Organization – IMO para a utilização de combustíveis com baixo teor de enxofre (low sulphur fuels) em navios a partir de 2020, o que certamente implicará na completa reconfiguração da frota de embarcações das MOCs (Major Oil Companies), tendo impacto direto em toda a indústria naval e prestadores de serviços na área marítima.

A própria indústria do petróleo já desenvolve diversos projetos para a integração de fontes energéticas, mediante geração de energia limpa, seja solar, eólica ou mesmo das marés, em suas operações de prospecção e extração de petróleo e gás natural, incluindo as suas atividades offshore.

Esse cenário demonstra que estamos em transição para uma economia que possa atender aos anseios de bem-estar e preservação ambiental, o que nos apresenta uma série de desafios tecnológicos e humanos, em ritmo claro de desenvolvimento econômico, abrindo um leque de oportunidades nos mais diversos ramos de trabalho e negócio.

Sócio Pinheiro Neto Advogados. Presidente do Conselho de Administração IBEF Rio de Janeiro.

Especialista fala sobre a desorientação das empresas na jornada para a nuvem

Adriano Filadoro, da Online Data Cloud, aponta SETE competências fundamentais para 'pisar nas nuvens' com segurança

Muitas empresas estão migrando para a nuvem por questões de agilidade, inovação e redução de custos. Mas, de acordo com Adriano Filadoro, diretor da Online Data Cloud que é especialista no assunto, há muita desorientação nessa jornada. "Não se trata de mágica. Mas, quando usada corretamente, a nuvem pode transformar um negócio. Por outro lado, quando as empresas tomam decisões sem conhecer em detalhes componentes importantes, ou ainda quando não se preocupam em implantar uma cultura de mudança para evitar que as pessoas com ou sem intenção depreciem a iniciativa, os resultados podem ser comprometidos. Por isso é fundamental que a direção da empresa conheça em profundidade suas equipes, seus aplicativos e serviços, tendo em mente quais gargalos poderão ser solucionados com a migração para a nuvem. Caso contrário, será um desperdício de esforços e recursos".

Para evitar desgastes e perdas financeiras, Filadoro revela sete competências fundamentais para que as empresas possam migrar seus dados, aplicativos e serviços para uma ou mais nuvens com chances aumentadas de sucesso:

1. Saber em profundidade quais são os gargalos da empresa

A primeira pergunta a ser respondida é: Que problema precisa ser resolvido? A partir daí é possível desenvolver uma estratégia de nuvem, seja para reduzir a emissão de carbono, seja para aumentar a agilidade dos desenvolvedores, ou ainda para reduzir custos. "É importante conhecer os gargalos para encontrar na nuvem soluções para os principais problemas. No caso da agilidade, por exemplo, é necessário ser capaz de alavancar serviços de nível superior, como serviço de banco de dados, recursos de aprendizado de máquina etc. A infraestrutura se torna praticamente desnecessária, já que esses recursos são acessíveis por meio de APIs (Interface de Programação de Aplicações) – responsáveis pela integração de sistemas com linguagens totalmente distintas de forma segura e rápida", diz o especialista.

Filadoro diz, ainda, que o provedor de nuvem lida com toda a infraestrutura, middleware e dimensionamento automático, enquanto os desenvolvedores podem criar rapidamente aplicativos de negócios de alto valor em cima desses serviços. Já se a estratégia é migrar para a nuvem para ganhar mais escalabilidade e confiabilidade, a modernização de aplicativos e a criação de novos aplicativos nativos em nuvem são a melhor resposta. "O recado aqui é muito claro: é preciso conhecer os gargalos do negócio para criar uma estratégia de nuvem que atenda a demandas específicas".

2. Estar pronto para lidar com a cultura da empresa e a resistência das pessoas

Sempre que uma nova tecnologia é implantada numa empresa, há três componentes de mudança que devem ser tratados: pessoas, processos e a própria tecnologia. "Antes de iniciar a jornada para a nuvem, é fundamental preparar as equipes para lidar com esse tipo de mudança. Há casos, por exemplo, que toda a iniciativa de migração para a nuvem cai por terra pelo simples fato de que a cultura da empresa está engessada, as pessoas não se esforçam para entender como esse salto tecnológico facilitará sua rotina e poderá melhorar o desempenho do lugar em que trabalham. Em muitos casos, antes é necessário implantar planos de prevenção a possíveis problemas relacionados ao comportamento do grupo".

3. Conhecer em detalhes o portfólio de aplicativos

Assim como é fundamental conhecer a cultura da empresa e fazer ajustes quando necessário, antes de migrar para a nuvem é importante ter uma clara noção do desempenho dos aplicativos que fazem parte do portfólio atual da empresa. São as características deles que vão determinar a complexidade, os custos e a duração da migração para a nuvem. "É preciso responder: Quais são os aplicativos essenciais para o negócio? Eles têm requisitos de alta segurança e conformidade? Existem aplicativos de mainframe? Existem candidatos para migrar para aplicativos SaaS? Como são as arquiteturas dos aplicativos? Os aplicativos estão prontos para a nuvem ou exigirão um esforço de modernização? Alguns aplicativos podem ser excluídos, suspensos ou transferidos para a nuvem sem qualquer esforço ou prejuízo? Apesar de parecer uma tarefa inglória, principalmente para empresas que têm centenas de aplicativos, ser capaz de fazer essa análise permitirá determinar uma ordem de prioridade e até mesmo o custo da migração", alerta Filadoro.

4. Definir quais tecnologias estão aptas a atender todas as demandas

"Não existe um provedor de nuvem que atenda de uma vez só todas as necessidades de uma empresa. Existem várias tecnologias específicas para cada demanda interna, incluindo hardware, software e recursos que precisam ser integrados para alcançar resultados comerciais positivos. Sendo assim, existe uma abordagem específica para cada organização migrar para a nuvem. É um erro tentar fazer tudo com um único provedor, já que cada provedor de nuvem tem seus pontos fortes. Portanto, em muitos casos é altamente recomendável contar com vários provedores, garantindo que os fornecedores escolhidos possam ser integrados sem problemas. Isso é justamente o que torna a nuvem tão empolgante: sua capacidade de integrar recursos. Só assim é possível gerenciar uma grande quantidade de dados de clientes armazenados em servidores, analisar tudo usando um software de inteligência artificial e ainda usar essas informações para melhorar a tomada de decisões", diz o executivo.

5. Determinar responsabilidades pelos dados da empresa

Um dos grandes temores de muitos empresários é crer que perderá o controle sobre os dados da empresa, ficando na dependência do fornecedor de nuvem. Outros, por sua vez, acreditam que, uma vez realizada a migração, se desincumbem de qualquer responsabilidade. "É certo que o provedor de serviços em nuvem assume determinadas responsabilidades que antes eram de propriedade interna. Mas o nível de responsabilidade é determinado pelo modelo de serviço em nuvem que o provedor está fornecendo, seja software como serviço (SaaS), plataforma como serviço (PaaS) ou ainda infraestrutura como serviço (IaaS)", explica Filadoro.

O provedor de IaaS em nuvem geralmente assume a responsabilidade de gerenciar e proteger a camada de infraestrutura. A empresa ainda é proprietária do gerenciamento e da proteção da pilha de aplicativos, da camada do aplicativo e da camada do usuário. Mas a segurança é uma responsabilidade compartilhada entre o fornecedor e a empresa. Já no modelo PaaS, o provedor de serviços em nuvem aumenta a pilha e assume ainda mais responsabilidades – embora a empresa ainda possua a segurança do próprio aplicativo. Por fim, no modelo SaaS, a empresa terceiriza todo o gerenciamento e a segurança da tecnologia para o provedor de serviços, ficando sob seu encargo apenas a administração e o gerenciamento de contas dos IDs (identificações).

Segundo Filadoro, a maioria das empresas acaba combinando dois ou mais modelos de serviços. "Por isso, é fundamental saber com clareza quem é responsável pelo gerenciamento e proteção dos dados – o que faz com que muitas empresas terceirizem a gestão dos serviços em nuvem. Afinal, é essencial entender como cada provedor de serviços gerencia suas responsabilidades e saber lidar com a integração entre os vários componentes de tecnologia dos fornecedores".

6. Saber o que cada parte deve fazer durante a jornada para a nuvem

De acordo com Filadoro, quando uma empresa migra seus dados, serviços ou produtos para uma plataforma de nuvem privada, ela geralmente conta com as ferramentas de migração e os serviços profissionais oferecidos pelo provedor especialmente desenhados para ela. Já quando se trata de nuvem pública, apesar de mais comum, a migração poderá ser um pouco mais complicada. "Todo o hardware, software e outras infraestruturas de suporte são fornecidos e gerenciados pelo provedor de nuvem – sendo que o cliente compartilha esses dispositivos de hardware, de armazenamento e de rede com outras organizações. Neste caso, o acesso aos serviços e o gerenciamento da conta são realizados por meio de um navegador da web. Os provedores de nuvem pública dão prioridade máxima à oferta de ferramentas de migração, backplanes e serviços profissionais para ajudar a empresa a executar essas migrações com rapidez, baixo custo e risco mínimo".

O executivo explica ainda que, para a migração de aplicativos, as empresas podem embalar as cargas de trabalho sem precisar reescrever os aplicativos existentes, diminuindo assim os riscos técnicos normalmente associados a migrações complexas. Para migrações de dados, as empresas devem usar os padrões de armazenamento, processamento e posicionamento da carga de trabalho para garantir disponibilidade, desempenho, segurança, proteção, conformidade e outras exigências de nível de serviço necessárias para todos ativos movidos para a nuvem.

7. Ter uma ampla noção de custos

"A migração para a nuvem é bastante motivada pelo custo. Não são poucas as empresas que decidem migrar para a nuvem a fim de reduzir custos e consolidar ou eliminar data centers. A nuvem pode resultar numa redução relevante de custos se for gerenciada corretamente. Mas sem uma estratégia de otimização de custos, o investimento pode não dar o retorno esperado. No modelo de data center, muito dinheiro é gasto para recursos ociosos ou usados em uma fração de sua capacidade. No modelo adotado pela nuvem, chamado de pay-as-you-go, a empresa paga pelos recursos de que precisa e somente quando precisa. Pode parecer simples, mas exige que a direção da empresa compreenda bem como funcionam preços e finanças na nuvem", esclarece o executivo da Online Data Cloud.

Aumento da taxa de dependência será um desafio adicional para as economias emergentes nos próximos anos

- As taxas de juros das economias desenvolvidas reduziram-se de forma consistente nos últimos anos. Diversos vetores estão sendo responsáveis por esse movimento, dentre os quais a demografia. A evolução da estrutura populacional de um país tende a gerar impacto relevante sobre a dinâmica de diversos indicadores econômicos, podendo afetar, inclusive, a eficácia da política monetária. Essa interação entre taxa de poupança e juros estruturais foi um dos temas levantados pelo Copom em sua última ata.

- Inúmeros estudos sugerem que o envelhecimento populacional pode resultar em aumento da taxa de poupança das famílias e redução do crescimento potencial. Esse tema tem sido muito debatido nos países desenvolvidos, por conta da mudança de composição da pirâmide etária, e será um assunto relevante também para as economias emergentes nos próximos anos. Para explorar um pouco mais esse tema, adaptamos alguns estudos das economias desenvolvidas para um grupo de países emergentes. O objetivo é analisar o impacto da razão de dependência sobre variáveis de curto e longo prazos dessas economias.

- As economias emergentes apresentam uma situação diferente das desenvolvidas – algumas, inclusive, ainda colhem os benefícios do bônus demográfico. Considerando a taxa média de dependência de todos os países que compõem esse grupo de emergentes, pode-se concluir que a materialização dessa preocupação deve demorar bastante – a razão de dependência só começa a aumentar a partir de 2040. Contudo, quando reduzimos essa análise para um grupo menor de países que selecionamos6 para a análise (que inclui o Brasil), conclui-se que esse debate não está tão distante: para esse grupo, a razão de dependência já começou a aumentar desde 2010-2015. No caso brasileiro, isso deverá começar a ocorrer entre 2025 e 2030.

- Analisando o caso brasileiro, a razão de dependência só atingirá o patamar atual das economias desenvolvidas em 2040. Esse debate ainda é muito antecipado para o Brasil. Por outro lado, a velocidade do envelhecimento populacional no país tende a ser maior do que a média das economias emergentes, o que pode acelerar alguns dos efeitos de longo prazo. Essa constatação apenas reforça a importância de reformas estruturais que possam compensar, através do aumento da produtividade, os efeitos da demografia sobre o crescimento. Por exemplo, utilizando o ranking Doing Business (facilidade de fazer negócios) do Banco Mundial como referência, o Brasil está abaixo da média dos países emergentes em diversas categorias. Se compararmos com o primeiro quartil desse grupo, a distância é ainda maior. Dessa forma, a correção das fragilidades, através de uma agenda consistente de reformas – que inclua a melhoria do ambiente de negócios, simplificação tributária, abertura comercial, avanços na infraestrutura, entre outras – pode facilmente elevar a produtividade e mais do que compensar esse efeito baixista da demografia sobre o nosso PIB potencial. Além disso, se bem executada, essa agenda de reformas produzirá efeitos muito mais rápidos sobre o PIB potencial (e o próprio PIB efetivo) do que os efeitos de longo prazo da demografia

Tucunaré, espécie da nossa Bacia Amazônica, é exuberante, persistente e guerreiro.
FAÇA SUA ESCOLHA.
Presente em 500 escritórios em 80 países.
28 anos
Lopes, Machado
Auditors, Tax, Consultants & Business Advisers
Independent Member of
BKR
55 21 2156-5800
SEDE: Rio de Janeiro - RJ | São Paulo - SP | Recife - PE | Belo Horizonte - MG
novosnegocios@bkr-lopesmachado.com.br | www.lopesmachado.com

Queremos outro 7 a 1?

*André Felipe de Lima **

Dia desses lembrei-me das filmagens que fiz alguns anos atrás em um campo de terra batida, em Pau Grande, no pé da serra do Estado do Rio de Janeiro. Um empenho para o documentário sobre Garrincha, que produzo a duras penas sem incentivo cultural (que novidade no Brasil...), mas essa é outra história sobre a qual não discorrerei. Quero ater-me ao que pululou minha mente naquele instante, observando um garoto que interpretava (ou, pelo menos, tentava) Garrincha com a bola nos pés. Ele gingava para lá, para cá, e eu refletindo sobre o que nos faz amar tanto o futebol brasileiro mesmo diante de nossos clubes e povo paupérrimos. Somos milhões de pobres apaixonados (e desde criancinha) pelos times do nosso coração. Ou, pelo menos, éramos. Veio, de supetão, e sob uma indisfarçável maiêutica socrática, a pergunta: Ora, que diabo nos faz — logo a gente, com cinco Copas do Mundo nas costas — ser tão financeiramente cambaleantes enquanto, por exemplo, o futebol inglês, que só tem uma Copa do Mundo, e mesmo assim conquistada com a indisfarçável colaboração do "apito amigo", parece fazer dinheiro brotar em árvore? Não é inveja, meus caros, somente uma triste constatação.

A terra batida simplesmente "gritou" para mim. Estamos ainda presos ao saudosismo e amarrados a uma fantasmagórica corrente do atraso. Nossos cartolas são perigosamente amadores a frente da gestão dos nossos amados clubes, que, segundo informações de algumas consultorias de mercado, até amenizaram um pouco seus balanços financeiros devido a algumas medidas ao longo dos últimos 30 anos. O Clube dos 13 foi o começo de tudo, uma espécie de sopro de gestão promissora no final dos anos de 1980, acabando com a empáfia da CBF. Mas ficou apenas no "sopro". As camisas começaram a estampar publicidade e, três décadas depois, surgiu o Profut, o programa de renegociação de dívidas fiscais dos clubes lançado em 2015. Se não atingimos o que almejávamos, e, reconheça-se, era uma meta utópica, pelo menos evitamos uma situação muito mais drástica, inclusive com gigantes históricos tendo de fechar as portas. Mas por que será que não consigo arrefecer meu ceticismo? Ah, os números...

Um estudo recente da empresa de marketing esportivo Sports Value revelou que o déficit total dos clubes brasileiros de futebol atingiu, no ano passado, a impressionante cifra de 6,9 bilhões de reais. O indigesto ranking tem a liderança do Botafogo, que deve algo em torno de 730 milhões de reais. Na trilha do alvinegro carioca estão outros gigantes, ou seja, quanto maior a marca, mais endividada ela se encontra. Nem clubes como Corinthians e Flamengo, cujas torcidas juntas seduzem, aproximadamente, 70 milhões de fãs, escapam da fatídica lista dos endividados. É difícil crer que duas marcas poderosíssimas fechem seus balanços no vermelho, sobretudo hoje em dia, onde imperativas formas de marketing e de comunicação abrem um vasto campo de negócios a ser explorado. Mas esbarramos sobre o que refleti no campinho de Pau Grande: ainda estamos atrelados a um modelo em que nada difere daquele do alvorecer do profissionalismo do futebol, em 1933. Nossa alcunha é atraso.

Ao contrário dos estádios ingleses em jogos da Premier League, os daqui estão cada vez mais vazios e distantes do povo, como aqueles genuínos torcedores que se amontoavam na saudosa geral do Maracanã. Estamos deixando de lado os clubes e até mesmo a seleção brasileira, que conquistou a Copa América realizada aqui, recentemente, porém com uma média de ocupação dos estádios que sequer chegou a 60%. Nem mesmo a audiência dos jogos do campeonato brasileiro transmitidos pela TV atrai o torcedor. Se aqui somos a vergonha, na Inglaterra respira-se responsabilidade, comprometimento e eficiência em gestão.

Vejam o que apontam dados de uma pesquisa da Ernst & Young. São indicadores impressionantes da representatividade da Premier League. Recomendo sentarem para que não caiam ao lê-los. Entre 2016 e 2017, a poderosa liga inglesa engrossou o PIB da economia britânica com 7,6 bilhões de libras; criou pouco mais de 100 mil empregos diretos e indiretos e pagou em impostos cerca de 3,3 bilhões. Conseguem imaginar como estão estes indicadores de 2018 para cá, sobretudo com os clubes ingleses conquistando Champions League e o escambau? Evito pensar muito para não sofrer ainda mais.

Os caras da terra da rainha inventaram esse troço gostoso que chamamos de futebol, mas não têm a tradição ou a cintura solta que temos com uma bola nos pés. Eles ganham dinheiro e a gente, bem... a gente ainda permanece sonhando com os campos de terra batida e vendo nossos meninos encantados com camisas dos times britânicos e europeus, em geral. Se permanecermos na letargia e no amadorismo, só nos restará mesmo pendurarmos as chuteiras e aguardamos o próximo 7 a 1.

**Jornalista, pesquisador da história do futebol e colunista do portal Museu da Pelada.com*

O Deep Fake está cada vez mais comum e assusta com o poder da tecnologia

*Armando Kolbe Júnior**

Uma nova tecnologia no mundo da internet tem tirado o sono de muita gente: o Deep Fake. O recurso — disponibilizado inclusive de forma gratuita — é muito utilizado para colocar digitalmente o rosto de qualquer pessoa em outra. A tecnologia é utilizada principalmente em vídeos.

Criada por um usuário do Reddit (uma rede social em que os participantes podem votar no conteúdo que julgam mais relevante), trata-se de uma tecnologia que faz uso da inteligência artificial para proporcionar essa troca do rosto das pessoas, e até proporcionando uma certa realidade à nova face, com sincronização de movimentos dos lábios e outras expressões. São resultados impressionantes — tanto que ninguém pode se considerar livre da possibilidade de ter seu rosto incluído em um vídeo editado.

Tudo começou no ano de 2017, mais precisamente em dezembro, quando um usuário do Reddit chamado "deepfakes" utilizou inteligência artificial e aprendizado de máquina para criar algoritmos com o objetivo de "treinar" uma rede neural. Essa rede mapeia o rosto de uma pessoa no corpo de outra. Isso seria feito quadro a quadro.

No início, era necessário ter conhecimentos avançados para utilizar o Deep Fake. Entretanto, após a criação de diversos apps, os processos foram automatizados, tornando-se mais acessíveis e aumentando a utilização criminosa da ferramenta. Começaram a surgir diversos vídeos pornográficos estrelados por personalidades diversas. Uma das falhas que pode ser observada nesses vídeos é que os coadjuvantes quase não piscam.

Além dos filmes pornográficos, algumas personalidades estão sendo colocadas em locais e situações em que nunca estiveram, trazendo inúmeros constrangimentos. Infelizmente é possível, inclusive, criar um álibi, forjar um momento e colocar, por exemplo, um CEO ou mesmo um político em situações de difícil reparação — principalmente frente ao imediatismo das pessoas em não entender que determinado vídeo pode ser falso e que a manipulação depende da criatividade do editor e de quantos vídeos da celebridade (ou mesmo seus) estejam disponíveis facilmente na internet.

Um caso recente envolveu o partido político da Bélgica Socialistische Partij, anders (Partido Socialista, Mas Diferente) que criou e divulgou o Deep Fake. Nesse caso, um falso Donald Trump, presidente dos Estados Unidos, solicitava à população do país belga o voto pela renúncia ao

Acordo de Paris, um tratado que rege políticas climáticas. O vídeo utilizou-se de psicologia reversa, já que concluiu-se que a maioria do povo votaria contra somente para contrariar a mensagem do presidente americano.

Uma das maneiras de nos protegermos dessas ferramentas de manipulação é evitar o compartilhamento de vídeos com desconhecidos, ou mesmo não postá-los em redes sociais, dificultando assim o trabalho do editor em pegar seu rosto e colocá-lo em outro vídeo comprometedor.

Além dos vídeos, vemos constantemente nas notícias questões sobre assuntos que viralizaram nas redes sociais, como áudios e textos atribuídos a famosos, mas que na verdade são #FAKE.

O maior problema é o discernimento do que é verdadeiro e falso. Portanto, recomenda-se evitar a distribuição de textos, áudios e vídeos sem o conhecimento da fonte original. Fazendo isso, pode-se facilmente cometer o erro de distribuir notícias falsas e atender aos interesses de criminosos.

** Professor do curso de Investigação Profissional do Centro Universitário Internacional Uninter.*

Família é "paciente oculto" e deve ser tratada junto com o doente, diz médico humanista

*Dr. Vinícius Rodrigues da Silva e Prof. Dr. Pablo González Blasco**

Em recente artigo publicado na revista mexicana "Archivos en Medicina Familiar", o médico Vinícius Rodrigues da Silva conta como foi passar de paciente – depois do diagnóstico de um câncer na tireoide – a médico humanista. "Perceber a importância da equipe multiprofissional que tratou a mim e a minha família, que era um paciente oculto, me fez ingressar no projeto da Sobramfa – Educação Médica & Humanismo para me capacitar nesse tipo de atendimento que leva em consideração a história e as narrativas de cada doente. Ainda que possa existir uma doença igual a outra, não existe um paciente igual a outro. Cada um traz consigo recursos internos que o tornam um ser único". Na opinião do jovem médico, tratar clinicamente pode até parecer uma tarefa desafiadora, mas é incomparável o resultado quando se trata o paciente com carinho, zelo e humanismo.

De acordo com Pablo González Blasco, fundador da Sobramfa que há 30 anos dedica esforços na formação médica humanista, a tecnologia substituiu parte da história clínica em medicina. "A genética permite predizer o risco de inúmeras doenças. Mas não está tão claro qual é o benefício real para o paciente. Ou seja, tudo está muito focado na doença, mas quem adoece é a pessoa. É preciso reforçar o objetivo principal do médico, que continua sendo o juramento hipocrático: curar, aliviar e/ou acompanhar o paciente. Mas não exatamente nessa ordem, como se confortar o paciente fosse um prêmio de consolação quando não se consegue a cura de sua doença. Confortar é algo que deve ser feito sempre, pela altíssima prevalência. O curar apresenta uma prevalência muito menor. Por isso, a educação médica deve contemplar essa proporção para produzir melhores médicos. Trata-se de um caso muito claro de que a ordem dos fatores altera o produto".

Blasco defende a tese de que o erro médico, por exemplo, é sobretudo uma insuficiência no campo humanístico. "O que protege o médico é a confiança do paciente, bem como da família do paciente. Quando o profissional aparece como um técnico brilhante, mas se mostra incapaz de se aproximar do paciente e sintonizar com sua afetividade, o risco de enfrentar adversidades parece maior. Quando nos aprofundamos nas queixas do paciente – seja por imperícia, seja por falha técnica –, sempre encontramos insuficiência no terreno afetivo. Descobrimos, então, que todo aquele 'erro médico' começou porque 'o médico nem me examinou', ou porque 'o médico não explicou nada para mim ou para minha família do que poderia acontecer' e 'nem prestou atenção no que estávamos falando'. O golpe que se acusa é sempre na alma, não na deficiência técnica; essa vem depois, para dar corpo ao processo".

O sofrimento humano e a morte são realidades no quotidiano do médico. Por que, então, se vê um despreparo crescente do profissional em lidar com essas situações? Na opinião de Blasco, o gerenciamento da morte implica em se perguntar a todo o momento sobre o que é melhor para o paciente, antes de tomar as medidas "de praxe", como internações desnecessárias, transferências para a Unidade de Terapia Intensiva (UTI), tratamentos ineficazes quando se trata do processo de morrer. "É fundamental que o médico, em determinadas situações, converse franca e carinhosamente com a família, embora sem dividir responsabilidades, assumindo a conduta com caráter profissional. O gerenciamento da morte implica diretamente no cuidado simultâneo do paciente e da família. A família coloca questões que têm pouco caráter técnico, mas de vital importância. Quer saber, por exemplo, se o paciente está sofrendo e se pode ser feita alguma coisa a mais. E sempre requer explicações do que está acontecendo".

Quando o quadro do paciente é grave e pouco ou nada se pode fazer para revertê-lo, vale dizer que ele sabe mais do que o médico imagina que sabe. É um sentido a mais que a condição de moribundo lhe confere. Por isso, espera do médico realismo, conforto e acompanhamento profissional. Para ele e para sua família. Portanto, há que se preparar médicos cada vez mais aptos a vivenciar esse tipo de situação inerente à sua profissão. "Vivemos tempos em que a morte é elemento quase ignorado. Mas, na prática, há duas coisas infalíveis na vida de um ser humano: sua limitação e sua morte certa. Numa sociedade que foge sistematicamente da dor, que cultua o prazer como meta suprema, não é de se estranhar que o enfrentamento da morte se dê em inferioridade de condições. Saber morrer é, antes de tudo, saber viver, pois a morte é o último passo no caminho da vida. Essas considerações são de capital importância, independentemente da profissão que se desempenha. No caso do médico, cuja matéria-prima de atuação é o ser humano, trata-se de uma condição imprescindível de competência", conclui Blasco.

Fonte: https://www.medigraphic.com/pdfs/medfam/amf-2019/amf193f.pdf

** Dr. Vinícius Rodrigues da Silva, médico que integra o Projeto de Capacitação em Medicina Humanista da SOBRAMFA.*

Prof. Dr. Pablo González Blasco, Doutor em Medicina e diretor científico e fundador da SOBRAMFA - Educação Médica & Humanismo, www.sobramfa.com.br

Venha ampliar seus horizontes, fazer novas amizades e se encantar com o mundo do vinho.

Há mais de 35 anos, a **Associação Brasileira de Sommeliers (ABS-Rio)** reúne pessoas que desejam aumentar seus conhecimentos e apreciar melhor os diversos aromas e sabores do vinho e de outras bebidas, além de formar profissionais com excelência e certificação internacional.

Esperamos você na ABS-Rio!

www.conceito-online.com.br

CURSOS DE INICIAÇÃO DE VINHOS • FORMAÇÃO PROFISSIONAL • GRUPOS DE DEGUSTAÇÃO
DEGUSTAÇÕES HARMONIZADAS • VIAGENS ENOGASTRONÔMICAS

Sede Flamengo
Praia do Flamengo 66, Bl. B · Sl. 311
22210-903 · Rio de Janeiro · RJ
Tel. +55 21 2285-0497

Unidade Barra da Tijuca
Av. Ayrton Senna 3000, Bl. 2 · Sl. 210
22775-904 · Rio de Janeiro · RJ
Tel. +55 21 2421-9640

www.abs-rio.com.br /absrio.oficial

Associação Brasileira de Sommeliers ABS RIO

Afiliada à ASI
ASSOCIATION DE LA SOMMELLERIE INTERNATIONALE

Flávia Riso

A Ingredion, líder mundial no desenvolvimento de ingredientes de origem natural para mais de 60 setores da indústria, como alimentos e bebidas, anuncia sua nova diretora Jurídica e de Compliance para a América do Sul, a advogada Flávia Riso. Com 20 anos de experiência em corporações multinacionais, Flávia chega para reforçar as práticas jurídicas e expandir ações de compliance dentro de todo o grupo.

Flávia é formada pela Universidade Mackenzie e conta com especialização pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Já passou por grandes empresas como Becton Dickinson, C&A, Syngenta Seeds, Oracle, Nextel e McDonald's.

A Ingredion Incorporated é líder mundial em soluções para ingredientes e atende clientes em mais de 120 países. Com vendas líquidas anuais de quase U$S 6 bilhões, a empresa transforma grãos, frutas, vegetais e outros materiais em ingredientes com alto valor agregado e soluções de biomateriais para outras indústrias. Com o Ingredion Idea Labs®, uma rede de centros de inovação ao redor do mundo, a empresa desenvolve soluções inovadoras para atender às necessidades dos consumidores, tornando os biscoitos mais crocantes, iogurtes mais cremosos, doces menos calóricos e papéis mais resistentes, além de adicionar mais fibras às barras nutricionais.

Fernando Barrueco

O advogado Fernando Barrueco é o novo CEO da Bomesp (Bolsa de Moedas Virtuais Empresariais de São Paulo).

Especialista em Direito Digital, Barrueco participou do Marco Civil da Internet no Brasil. É, ainda, mestre em direito tributário pela PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica) e sócio da Perrotti e Barrueco Advogados, bem como presidente da diretoria da Fundação Nemirovsky na Pinacoteca do Estado de São Paulo. "Minha missão é fazer com que a economia distributiva se torne uma realidade na vida das pessoas, promovendo inclusão social por meio deste novo ecossistema que surgiu com as criptomoedas", diz Barrueco.

"Em um futuro bem próximo, acredito que viveremos essa verdadeira revolução no sistema financeiro", completa Barrueco. Ele acrescenta que, ao oferecer um meio de pagamento inclusivo, incorporando os desbancarizados e eliminando a necessidade de intermediários para operações financeiras, a tendência é encorajar as empresas a investirem em suas próprias criptomoedas. "Com a Bomesp, pretendemos trazer corporações para este universo", completa ele.

Pioneira no mercado de criptomoedas empresariais, aBolsa de Moedas Virtuais Empresariais de São Paulo (BOMESP) permite que empresas dos mais variados portes e segmentos emitam moedas digitais próprias, para serem usadas também no cotidiano das pessoas. A Bomesp utiliza a tecnologia Modulus, de alta eficiência, idêntica à utilizada por instituições financeiras globais, como NASDAQ Stock Market, JP Morgan Chase, Bank of America, Crédit Suisse e Goldman Sachs. O sistema, de última geração, é capaz de processar 10 milhões de transações por segundo, com apenas 40 nanosegundos de latência de processamento em cada negociação, possibilitando vantagem competitiva para as operações em nível global. A velocidade é sete vezes mais rápida que a maior plataforma de criptos atual, incluindo as maiores exchanges de todo o mundo. Para outras informações, acesse www.bomesp.org. Já para negociar visite www.bomesp.com

Anne Napoli

Após quase oito anos como Diretora de Marketing da Vigor, Anne Napoli é nomeada a Vice-Presidente da Unidade de Negócios Derivados do Grupo Lala, do qual a Vigor Alimentos faz parte. Ela assume o novo cargo em setembro, na sede da companhia, no México.

À frente do marketing da Vigor, a profissional foi peça fundamental na liderança das categorias de iogurtes, queijos e sobremesas, contribuindo para a transformação das imagens de suas marcas e para o processo de inovação da empresa como um todo. Durante esse período, encabeçou diversos lançamentos, incluindo o carro-chefe Vigor Grego, produto que revolucionou o segmento de iogurtes no Brasil.

Anne Napoli é graduada em Administração pelo European Business Program e pelo INSEAD (Institut Européen d'Administration des Affaires), e possui 26 anos de experiência no mercado de produtos de consumo, na área de Marketing. Durante sua carreira, liderou projetos de definições estratégicas em marketing, inovação e comunicação, com abrangência regional e internacional. Em dezembro de 2011, assumiu a Diretoria de Marketing da Vigor, onde é também responsável pelas áreas de inovação, comunicação e assuntos corporativos.

Os cinco erros mais comuns na educação financeira

Educador financeiro reforça a importância do planejamento nas finanças e lista cinco erros que desestruturam a vida das pessoas

A educação financeira é muito mais do que uma atitude ou um planejamento financeiro; é uma combinação de ações para cortar gastos, investir e multiplicar ganhos, cujo processo precisa ser aprimorado continuamente. "Engana-se aquele que pensa que já sabe tudo em termos de finanças pessoais e que não existe espaço para aprender mais. Pelo contrário, é possível melhorar sempre, até por conta da própria dinâmica do mercado e das novidades que surgem periodicamente", explica o professor e educador financeiro, Carlos Afonso, que também é autor do livro *Organize suas finanças e saia do vermelho*.

O educador financeiro alerta que, em finanças pessoais, algumas das decisões tomadas – notadamente as más – podem trazer estragos por um longo período de vida. Prova disso é o resultado do levantamento feito pela Confederação Nacional do Comércio, que mostra o aumento de famílias endividadas no Brasil, pelo sexto mês consecutivo. O percentual, em junho deste ano, chegou a 64%, o maior nível desde julho de 2013. Ainda de acordo com a pesquisa, cada consumidor inadimplente deve, em média, R$ 3.252,70, o que significa que cada devedor tem duas contas em aberto.

O desemprego e a inflação somaram forças e corroeram o poder de compra das famílias, que, sem muita alternativa, passaram a contrair dívidas e tentam, a todo custo, reduzir as despesas. "Ao longo dos últimos meses, muitos brasileiros passaram a encarar a educação financeira como uma arma importante para superar esse momento de crise econômica, porém, é preciso tê-la como hábito e não uma atitude de emergência", aconselha Carlos Afonso. Mesmo sem saber, diversas pessoas cometem erros quanto à educação financeira. Pensando nisso, o Professor Carlos, explica os cinco principais:

Não se precaver para o futuro

O futuro chega para todo mundo e é preciso estar preparado para ele. É necessário contar com reservas financeiras e não só com os recursos da previdência social (que dificilmente atenderá todas as necessidades). Assim, para aproveitar a melhor idade, é preciso fazer o 'pé de meia' o quanto antes.

Esbanjar hoje como se não houvesse amanhã

É muito comum, por exemplo, ganhadores de prêmios da loteria acabarem com o prêmio recebido em pouco anos, assim como jogadores de futebol, que durante suas carreiras recebiam polpudos salários e, na aposentadoria, mal conseguem se manter. Acredite, o amanhã chegará e cobrará o preço daqueles que não são precavidos.

Falta de controle das finanças pessoais

A falta de controle gera o insucesso financeiro, portanto, não importa se você usa uma planilha, aplicativos ou uma folha de papel, o importante mesmo, é ter controle dos gastos.

Não dar bola para os pequenos gastos

Pequenos gastos que, a princípio podem parecer inofensivos, podem causar um buraco enorme nas contas. Subestimá-los é um erro, pois podem levar a um rombo grande se não forem controlados.

Falta de uma reserva de emergência

A maioria das pessoas não tem uma reserva para fazer frente às despesas em emergências, como desemprego ou impossibilidade de trabalhar em função de doença ou um acidente. Pense nisso, mas, principalmente, nas consequências para você e sua família se, por algum motivo, ficar sem renda.

Bancos digitais melhoram a avaliação de bancos tradicionais

Os consumidores estão avaliando melhor o setor de bancos, cartões de crédito, empréstimos e investimentos muito em função da chegada dos players digitais e fintechs, que proporcionam tarifas gratuitas, juros mais baixos e bons serviços, muitas vezes realizando as operações por aplicativos de celular. A prova disso é o crescimento em Valor Percebido (custo-benefício) e Força da Marca de instituições como Nubank, Inter e Digio.

A revelação foi feita pelo novo estudo da CVA Solutions sobre Produtos Financeiros, que inclui bancos (pessoa física e jurídica), cartões de crédito, empréstimos, financiamentos e investimentos.

A pesquisa foi realizada em julho de 2019, com 6.150 pessoas de todo o Brasil, que possuem conta corrente em banco. Dentro desse universo, 70,1% possuem cartões de crédito de bancos, 46,4% têm cartão de crédito de lojas, 50% têm investimento financeiro ou caderneta de poupança e 40,6% fizeram empréstimo ou financiamento. Essa é a sétima edição do estudo CVA produtos financeiros.

"Os bancos tradicionais estão sendo desbancados pelos digitais em satisfação. O cliente quer tarifas gratuitas e a realização ágil e conveniente de serviços por aplicativos de celular", observa Sandro Cimatti, sócio-diretor da CVA Solutions, empresa de consultoria e pesquisa de mercado, subsidiária da empresa norte-americana CVM inc.

Objetivos da pesquisa

Os estudos da CVA avaliam o Valor Percebido (relação custo-benefício percebido por seus clientes) e a Força da Marca (a atração menos rejeição perante clientes e não clientes) das diversas instituições citadas pelos entrevistados, mede a posição frente a concorrência e diagnostica possibilidades de criação de vantagem competitiva sustentável.

O novo estudo revela que no período entre 2014 e 2019 houve um crescimento de 87% no uso de serviços bancários pelo celular e que 46,5% das pessoas preferem usar o aplicativo para resolver seus problemas.

Liderança dos digitais

Em função da praticidade e das tarifas, inexistentes ou muito competitivas, dos bancos digitais, em pouco mais de dois anos como banco, o Nubank já é a segunda Força da Marca do setor, perdendo apenas para o Itaú. E o Banco Inter já ocupa a quarta colocação. Em Valor Percebido Nubank, Inter e Sofisa são os líderes. O mesmo ocorre com os cartões de crédito: Nubank lidera em Força da Marca e Digio (consórcio entre o Banco do Brasil e Bradesco) em Valor Percebido, seguido pelo Nubank.

Em cartões de lojas de varejo, Submarino lidera em Força da Marca e em Valor Percebido. Entre as bandeiras dos cartões, Mastercard ultrapassou Visa e agora lidera em Força da Marca. Em Valor Percebido, Hipercard é líder.

Notas médias entre 50 segmentos de mercado

Os segmentos de produtos financeiros alcançaram melhores notas em 2019. Cartão de crédito foi o que apresentou maior melhora. Sua nota agora é 8,20, sendo que em 2016 era 7,07. Em bancos também houve melhora. A nota atual é 7,78, contra 7,02 em 2016. As notas utilizam uma escala de 1 a 10, em 50 segmentos pesquisados pela CVA. O Valor Percebido para os segmentos pesquisados se baseia na nota de custo-benefício percebido e tem como melhor segmento o de Forno Micro-ondas com nota 8,87 e os piores, Planos de Saúde (com nota 6,93) e PVA (satisfação de funcionários de empresas), com 6,28.

Para Sandro Cimatti, o aumento de nota de Valor Percebido destes produtos financeiros se deve ao crescimento dos players digitais com custos competitivos e serviços ágeis e convenientes.

"Os players digitais proporcionam ótima experiência para seus clientes e ótimo custo, o que tende a gerar fidelização. O desafio é aumentar a sua Força de Marca para gerar experimentação e crescimento. Outro desafio é aumentar o SOW, ou seja, tornar o produto principal para o consumidor, para gerar maior volume de negócios. O futuro promete crescimento destes players e muita competição neste mercado", afirma Cimatti.

Pagamento parcial da fatura do cartão

A avaliação dos cartões de crédito leva em conta três importantes variáveis críticas: estar conseguindo pagar a fatura integral; ter anuidade gratuita; e não ter transações rejeitadas por estourar o limite de crédito.

De acordo com a pesquisa, nos últimos seis meses, 33,3% dos entrevistados acabaram optando pelo pagamento parcial da fatura e arcaram com juros altíssimos. A incidência é um pouco maior na escolaridade e faixa de renda mais baixa (38%) e o motivo alegado foi falta de planejamento. Na escolaridade e

"As fintechs promovem concorrência e são bem avaliadas especialmente pelo custo competitivo."

faixa de renda mais alta o motivo foi comodidade e preguiça de buscar uma alternativa mais barata. "Dívidas em cartão de crédito crescem muito rápido e destroem a vida financeira de uma família. Deveria haver uma legislação que proibisse os devedores de cartão de crédito de usar o produto durante alguns anos, já que mesmo os mais escolarizados cometem esta insanidade" comenta o diretor da CVA Solutions.

Recomendação – Destaque para os digitais

Como banco e como cartão de crédito, o Nubank apresenta o melhor nível de recomendação líquida: 83,5% de seus correntistas e 88,6% dos que tem seu cartão recomendariam a instituição para parentes e amigos. Na segunda posição, em bancos, vem o Inter, com 72,4% de recomendação líquida. Somente na terceira posição aparece um banco tradicional, o Itaú Personnalité, com 60,6%. Na segunda posição em cartões de crédito aparece o Digio, com 71,2% de recomendação líquida e em terceiro lugar aparece o Inter, com 69,7%.

Empréstimos, Financiamentos e Investimentos

Também nesses segmentos, os players digitais e fintechs estão ganhando terreno rapidamente. Nomes como Original, Inter, Geru, XP Investimentos, Genial, Modal, Rico, Easyinvest, Neon, entre outros, já entraram no vocabulário das pessoas que até poucos anos só conheciam os grandes bancos públicos e privados.

"As fintechs promovem concorrência e são bem avaliadas especialmente pelo custo competitivo. Elas praticam spreads menores que os grandes bancos. Apesar da queda dos juros básicos da economia (a taxa selic), os juros ao consumidor final ainda são muito altos. O crescimento dos novos players chama a atenção dos grandes bancos que tendem a querer adquiri-los para reduzir a concorrência. Foi o que ocorreu com a XP Investimentos, que foi parcialmente comprada pelo Itaú. Cabe ao CADE (Conselho Administrativo de Defesa Econômica) inibir a compra destes players pelos cinco grandes bancos para manter a concorrência", analisa Sandro Cimatti.

Nubank já é relevante e incomoda

Ainda para o diretor da CVA Solutions, o Nubank não é apenas uma fintech que agrada seus consumidores com ótimo Valor Percebido e Recomendação Líquida. Ele já conquistou um volume de clientes expressivo e construiu uma marca forte e reconhecida no mercado. "O Nubank já é relevante e incomoda os grandes bancos. Quem vai comprar o Nubank? O CADE vai deixar?" questiona Cimatti.

CVA Solutions e Metodologia

A CVA Solutions (Customer Value Added) está há 18 anos no mercado brasileiro e 23 anos nos Estados Unidos. A empresa é uma subsidiária da CVM Inc., empresa criada nos Estados Unidos, em 1996, pelo engenheiro Ray Kordupleski.

A CVM Inc. conta com seis escritórios associados em todo o mundo e atende a mais de 30 corporações internacionais. No Brasil, a CVA Solutions atende a empresas como Amil, Boticário, Whirlpool, Porto Seguro, SulAmérica, Fleury Medicina Diagnóstica, Dasa, Claro, Oi, International Paper, Daimler Chrysler, Philips, Colgate, Natura, Banco Santander, Bradesco e Itaú.

A CVA Solutions é uma empresa especializada em ajudar seus clientes a criar vantagem competitiva sustentável, através da melhora do Valor Percebido em toda a cadeia de valor. A empresa pesquisa, analisa e indica os caminhos que levarão ao aumento do market share e da rentabilidade do cliente. O trabalho baseia-se na metodologia criada por Ray Kordupleski, capaz de medir e gerenciar diversos atributos de valor presentes no processo de decisão de compra e experiência de consumo de qualquer tipo de produto ou serviço.

Desta forma, além de medir os atributos de valor e identificar aqueles que têm o maior impacto, do ponto de vista do cliente, também se promove uma integração entre as medidas de valor percebido pelo cliente e os processos internos da empresa, possibilitando um gerenciamento mais eficaz.

Como usar a tecnologia para construir negócios mais inteligentes

*Elisabete Waller**

Em um mundo de negócios em transformação, o uso de novas tecnologias é cada vez mais crucial para impulsionar resultados. Mas a tecnologia por si só não resolve desafios complexos. As novas ferramentas tecnológicas, por mais sofisticadas que sejam, só fazem sentido quando servem para liberar o potencial humano. A tecnologia, portanto, é um meio e não um fim para resolvermos questões.

A EY, em seu propósito de construir um mundo de negócios melhor, mantém parcerias estratégicas com empresas de tecnologia para poder oferecer soluções completas aos nossos clientes -- combinando de forma inteligente a expertise em transformação no ambiente de negócios com as mais modernas soluções tecnológicas, sempre com foco em impulsionar o potencial humano.

No Brasil e na América Latina, a EY é o parceiro #1 da SAP, por exemplo. Por meio da aliança, a EY oferece uma série de soluções para dar às empresas mais agilidade na busca por melhores resultados. São soluções desenvolvidas com foco no resultado buscado pelo cliente a partir de nosso amplo portfólio.

Um dos frutos dessa parceria é a EY Digital BoardRoom. Utilizando SAP Analytics Cloud, a solução funciona como um painel único com informações consolidadas para visualizar dados em tempo real, ajudando na tomada de decisão e simulação de cenários. É possível, entre outras coisas, ter melhor planejamento organizacional, análise preditiva e simulação de KPIs.

Desenvolvemos também a EY Intelligent Transformation Platform, ferramenta para dar suporte na migração de antigos sistemas da SAP (ERP ECC) para a nova versão S/4 HANA. Totalmente focada em RPA e Analytics, a EY Intelligent Transformation Platform opera com mais de mil robôs sobre uma plataforma de *machine learning e analytics*, garantindo mais celeridade e segurança na migração dos dados.

Temos diversas outras soluções -- muitas delas foram apresentadas recentemente no SAP NOW, um dos maiores e mais importantes eventos de tecnologia da América Latina e que teve a EY como um dos principais patrocinadores. Em dois dias, mostramos ao mercado resultados concretos de nossas soluções, contados a partir da experiência dos próprios clientes -- que falaram sobre como a consultoria da EY, utilizando soluções SAP, transformou em oportunidades o que antes era desafio. Para conhecer mais, acesse https://www.ey.com/pt_br/alliances/sap.

** Sócia de Tecnologia, Telecom, Mídia e Entretenimento da EY para América do Sul e responsável pela parceria com a SAP.*

EY
Building a better working world

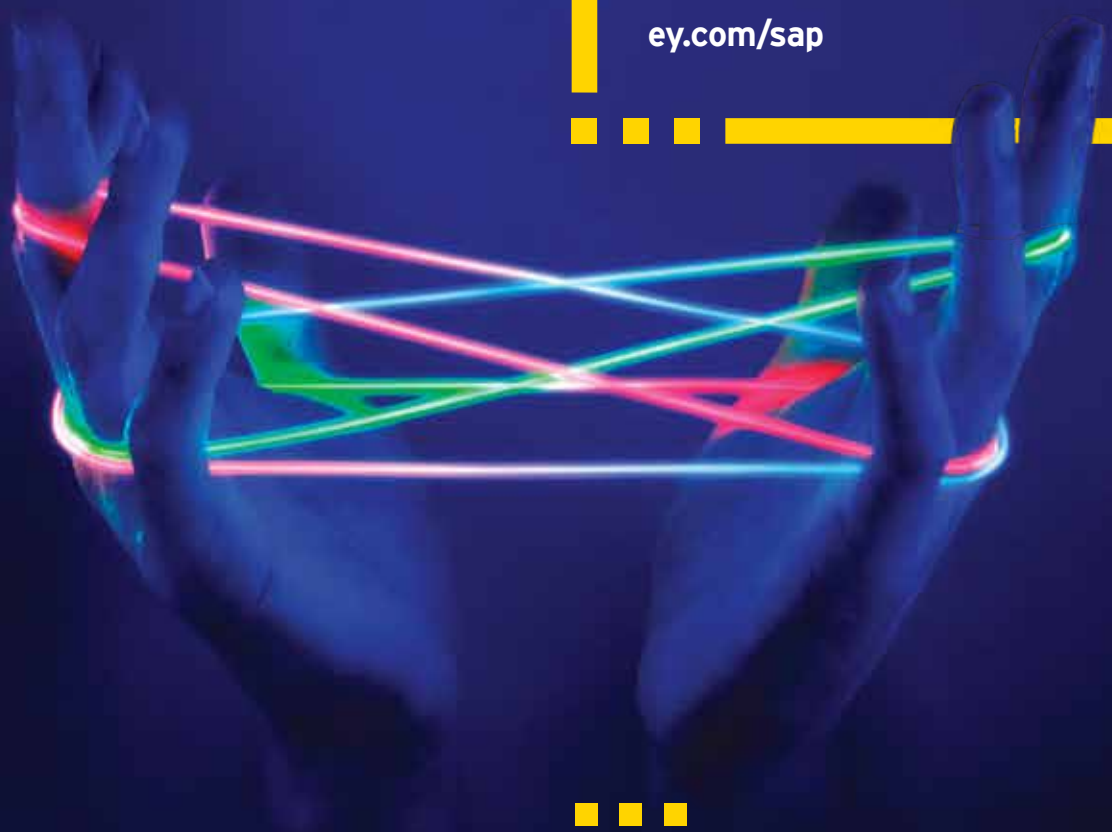
SAP Global Partner

Como você pode construir uma empresa do amanhã utilizando soluções de hoje?

Descubra como a EY e a SAP podem ajudá-lo a estruturar uma empresa inteligente para a Era da Transformação.

Inteligência na prática.

ey.com/sap



Quanto melhor a pergunta, melhor a resposta.
E melhor se torna o mundo de negócios.

© 2019 EYGM Limited. Todos os direitos reservados.

Substâncias escondidas na água desafiam pesquisadores da USP

Você sabia que a água que você consome em sua casa pode não estar totalmente livre de impurezas? Esse risco existe quando produtos que utilizamos no dia a dia, como remédios, protetores solares e itens de higiene pessoal são encontrados em rios que abastecem municípios. As estações de tratamento de água não conseguem remover completamente esses compostos, já que não possuem equipamentos apropriados para a tarefa. Batizados de contaminantes emergentes, essas substâncias desafiam há anos centenas de cientistas brasileiros a buscarem soluções eficientes e a entenderem os impactos que elas podem causar ao meio ambiente e aos seres vivos.

Segundo o professor Eduardo Bessa Azevedo, do Instituto de Química de São Carlos (IQSC) da USP, o Brasil ainda não possui uma legislação que determine quantidades seguras desses contaminantes na água. "São substâncias encontradas em pequenas concentrações, mas que, se consumidas por anos, podem trazer algum risco", alerta. Estudos indicam que o lançamento não controlado de fármacos nos corpos d'água pode, por exemplo, ocasionar o desenvolvimento de microrganismos resistentes a antibióticos. Caso haja a ingestão dessa água contaminada, seres humanos e animais estão sujeitos a efeitos como disfunções no sistema endócrino e reprodutivo, além de distúrbios metabólicos. Diversos compostos químicos são capazes de interferir no metabolismo, entre eles, destacam-se os que estão presentes em hormônios, anti-inflamatórios, antidepressivos, hidrocarbonetos poliaromáticos e pesticidas.

A falta de efetividade no combate aos contaminantes emergentes preocupa os cientistas e acende o sinal de alerta na sociedade. "As estações de tratamento d'água (ETAs), basicamente, trabalham para retirar sua turbidez e torná-la potável. Elas têm uma capacidade limitada de remoção desses contaminantes, pois foram projetas numa época em que não existia essa demanda", explica o docente. De acordo com o Instituto Trata Brasil, quase 35 milhões de brasileiros não têm acesso ao abastecimento de água tratada. Em 2016, uma em cada setemulheres do país não tinha acesso à água, enquanto 7,5% das crianças e dos adolescentes não possuíam água filtrada ou vinda de fonte segura.

A ciência entra em cena – Há algumas décadas, pesquisas têm chamado a atenção sobre os possíveis danos que os contaminantes emergentes podem causar aos recursos hídricos, fato que impulsionou o interesse da comunidade científica em busca de soluções para identificação, monitoramento e remoção dessas substâncias. No IQSC, o Laboratório de Desenvolvimento de Tecnologias Ambientais (LDTAmb) está envolvido nesse desafio, criando alternativas promissoras. "Diferentemente das tecnologias tradicionais, as quais amenizam o problema da poluição, mas não o resolvem, as pesquisas desenvolvidas em nosso laboratório se preocupam em realmente destruir os contaminantes. Não basta reduzirmos a concentração de determinada substância se ela ainda continua com sua função biológica ativa, podendo trazer algum perigo", afirma o professor Eduardo, que coordena o LDTAmb.

Uma das pesquisas desenvolvidas no Laboratório da USP é a de Maykel Marchetti, doutorando do IQSC. Após realizar um levantamento, o pesquisador descobriu quais eram os fármacos mais prescritos e consumidos no Brasil e, a partir dessa relação, determinou as quatro substâncias químicas mais prováveis de serem encontradas na água. São elas: paracetamol (analgésico), cetoprofeno (anti-inflamatório), diclofenaco (anti-inflamatório) e o ácido salicílico (utilizado no tratamento da acne). Com essas informações em mãos, Maykel desenvolveu um método analítico capaz de detectar e quantificar, simultaneamente, todos esses quatro fármacos em água e aplicou uma técnica para degradá-los, que funciona através de uma reação química envolvendo peróxido de hidrogênio (água oxigenada), oxalato de ferro e luz (LED). "Essa técnica nos permitiu fazer o tratamento da água em condições semelhantes às adotadas nas ETAs", explica.

No laboratório, o pesquisador testou o procedimento de degradação proposto. Após dissolver os quatro contaminantes em água, adicionou à solução o oxalato de ferro e o peróxido de hidrogênio. Em seguida, a água foi colocada dentro de um reator com LEDs, onde ficou por aproximadamente 25 minutos reagindo "Nós utilizamos uma concentração de contaminantes até um milhão de vezes maior do que a encontrada nas águas e, mesmo assim, atingimos uma porcentagem de 95% de degradação. No entanto, vale ressaltar que isso não significa que eles foram totalmente removidos, mas sim transformados em outras substâncias que precisam ter sua toxicidade analisada", afirma o doutorando, que apresentou seu trabalho no 47º Congresso Mundial de Química da União Internacional de Química Pura e Aplicada (IUPAC), que acontece em Paris, entre os dias 5 e 12 de julho.

Para validar seu método de detecção e quantificação dos fármacos, Maykel estudou as águas superficiais de São Carlos, responsáveis pela metade do abastecimento do município, por meio do córrego Espraiado e do rio Ribeirão Feijão. Durante

Cientistas da USP trabalham para "limpar" água contaminada.

FOTO: HENRIQUE FONTES/IQSC

um ano, o pesquisador coletou amostras mensais de água dos pontos de entrada e saída da estação de tratamento da cidade e, felizmente, não foi identificado nenhum dos quatro fármacos pesquisados. Contudo, um estudo realizado pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) em 2014 revelou, após três anos de análises, a presença de cafeína, paracetamol, atenolol e dos hormônios estrona e 17-β-estradiol no Rio Monjolinho. Embora ele não seja utilizado para abastecimento público, os pesquisadores se preocupam com a conservação dos recursos hídricos e a proteção da vida aquática.

Planeta afetado - Os contaminantes emergentes já se tornaram um problema global, tendo sido encontrados em dezenas de países, inclusive no Brasil. Em Campinas (SP), amostras de ácido salicílico, paracetamol e cafeína já foram identificadas no Córrego Anhumas. Além de atuar como um indicador de contaminação por fármacos, a cafeína pode causar, em altas concentrações, problemas aos peixes, como a diminuição da capacidade de locomoção e a morte de embriões. Outra substância encontrada em águas brasileiras foi o diclofenaco, confirmada no Rio Pinheiros, na capital paulista, e no Rio Paraíba, que banha o Estado Paraibano. Em âmbito internacional, rios de países como Estados Unidos, Espanha, Suíça e Costa Rica já sofrem com a presença desses contaminantes.

O descuido quanto ao descarte irregular de remédios é uma das principais causas do aparecimento desse tipo de contaminante na água. Despejar produtos vencidos na pia ou em vasos sanitários, por exemplo, faz com que as substâncias cheguem até rios e mananciais. Embora a mudança de alguns hábitos seja essencial para não acentuar ainda mais o problema, causas naturais também contribuem para essa contaminação. Afinal, parte do remédio que tomamos não é metabolizada pelo nosso organismo, sendo eliminada via urina, fezes ou suor. Situação semelhante ocorre quando tomamos banho após a utilização de protetor solar, ocasião em que o produto é eliminado pelo ralo, podendo chegar tanto a águas superficiais como subterrâneas. Por sua vez, fármacos utilizados na agropecuária também são capazes de contaminar os recursos hídricos.

Segundo a última Pesquisa Nacional de Saneamento Básico, realiza pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 71,8% dos municípios brasileiros não apresentavam políticas de saneamento e, em 48,7% deles, não havia órgão fiscalizador da qualidade da água. Já de acordo com o Atlas Esgotos: Despoluição de Bacias Hidrográficas, divulgado em 2017 pela Agência Nacional das Águas (ANA), menos da metade dos esgotos do país é coletada e tratada e apenas 39% da carga orgânica gerada diariamente no Brasil é removida pelas estações de tratamento de esgoto antes dos efluentes serem lançados em rios.

Fazendo o dever de casa - Ações para melhorar a qualidade da água não podem se restringir apenas aos cientistas. Segundo o Instituto Trata Brasil, mais de 3,5 milhões de brasileiros, nas 100 maiores cidades do país, despejam esgoto irregularmente, mesmo tendo acesso a redes coletoras. Pequenas atitudes, se feitas em grande escala, podem ajudar a evitar uma contaminação ainda maior.

Segundo o professor Eduardo Bessa Azevedo, comportamentos que contribuam para a manutenção dos recursos naturais devem começar dentro de nossas casas. Afinal, não existe o "jogar fora", pois, na verdade, tudo o que descartamos sempre irá para algum lugar, podendo gerar grandes prejuízos se feito de maneira impensada. Por isso, o docente faz um pedido: "Não descarte produtos em locais incorretos e evite usar água para o que não for necessário, como lavar a calçada. Se puder fazer limpeza a seco, priorize-a. As pessoas pensam que atitudes isoladas não trarão nenhuma melhora, mas imagine se todos resolvessem ajudar".

Preocupados com o futuro de nossa água, os cientistas da USP continuarão em busca de novas alternativas para combater os contaminantes emergentes e, sem dúvida, motivações não irão faltar. "É uma questão de saúde pública, e trabalhar no desenvolvimento de soluções para o problema nos dá a certeza de que estamos fazendo o nosso papel", finaliza Maykel.

MEMÓRIA DO TRAÇO

FOTO: CRISTINA GRANATO

Helena Fernandes, Miguel Paiva, Ingra Lyberato e Angela Vieira, no lançamento do livro "Memória do Traço", de Miguel Paiva, na Livraria Travessa, no Rio.

MASTERCARD

Entre janeiro e maio deste ano, mais de 3,3 milhões de pagamentos por aproximação foram realizados na cidade de São Paulo, é o que indicam dados da Mastercard. Líder em quantidade de transações com essa tecnologia no país, a capital paulista viu os números saltarem de pouco mais de 370 mil pagamentos realizados em janeiro para mais de um milhão em maio, representando um crescimento de 170% no período. Os dados demonstram como o consumidor paulista se adapta rapidamente a novidades que facilitem a sua vida, como os pagamentos por aproximação.

Os segmentos que mais utilizaram essa forma de pagamento na cidade foram: redes de fast food, supermercados, restaurantes, padarias e farmácias, respectivamente. O ticket médio dessas transações em são Paulo é de R$71,00 e os dispositivos mais utilizados no último mês foram as carteiras digitais, representando 51% do total de transações realizadas.

Rápido, prático e seguro, o pagamento por aproximação oferece a conveniência de fazer transações apenas tocando os dispositivos em um leitor habilitado, sendo até 10 vezes mais rápido do que outros tipos de pagamento. Os pagamentos por aproximação são ideais para transações de baixo valor e situações que requerem uma velocidade de pagamento maior para diminuir filas.

BANCO PAN

O PAN é o primeiro Banco brasileiro a lançar a campanha "Não me Ligue". Os clientes poderão cadastrar seus telefones fixo e móvel no site da companhia para que não recebam propostas de crédito consignado indesejadas. O público-alvo são os beneficiários do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS).

O aposentado ou pensionista que não desejar receber ligações deve se cadastrar no site https://www.bancopan.com.br/nao-me-ligue. O prazo para o bloqueio de cada telefone registrado é de até 30 dias após a solicitação.

"O nosso principal objetivo é que os clientes tenham uma experiência de atendimento respeitosa, transparente, ágil e de qualidade. O crédito consignado é um produto excepcional, com taxas baixas em relação às demais linhas, mas só deve ser oferecido a quem realmente tem interesse", afirma Alex Sander Moreira Gonçalves, diretor Comercial e de Produtos do Banco PAN.

Especialista em produtos e serviços financeiros para as classes C, D e E, o Banco PAN estreou a campanha no programa Fantástico, da TV Globo. As peças também serão veiculadas no Bom dia Brasil (TV Globo), no Programa Eliana e no Programa do Ratinho, ambos do SBT, além dos principais portais do país e redes sociais.

O Banco PAN (BPAN4) é um dos principais bancos brasileiros, controlado conjuntamente pela CAIXA Participações e pelo Banco BTG Pactual. Com mais de 2.300 colaboradores, possui patrimônio líquido de R$ 4,1 bilhões e atua com foco em pessoas físicas (classes C, D e E), ofertando crédito consignado (empréstimo e cartão de crédito), financiamento de veículos e motos e cartões de crédito. Está presente em todo o território nacional, com 60 lojas próprias, além de uma rede de parceiros e correspondentes.

Objetivo é avaliar qual a melhor estratégia no caso brasileiro

A experiência internacional comprova que tarifas altas de importação não são pré-requisito para a negociação de bons acordos comerciais. Um levantamento de todos os acordos firmados no mundo inteiro entre 1995 e 2015 mostra que 57,3% foram fechados quando os países já possuíam tarifa baixa (abaixo de 5%). Os dados constam no estudo Liberalização das importações: unilateral ou por meio de acordos comerciais?, recém publicado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

Os pesquisadores analisaram acordos comerciais celebrados entre diversos países do mundo nas últimas décadas e avaliaram se os acordos foram firmados antes ou depois desses países terem efetuado reduções unilaterais de tarifas. A base de dados associa o nível de tarifa média de importação aplicada pelo país no ano imediatamente anterior, o nível de relevância de cada acordo (medido pela participação de países parceiros do acordo nas importações totais de cada país analisado), o produto interno bruto (PIB) e o PIB per capita de cada país.

O trabalho traz estudo de caso de oito países de renda média, cuja experiência pode servir de referência para o caso brasileiro: China, Tailândia, Rússia, Hungria, Polônia, Romênia, México e Chile. De acordo com o pesquisador Fernando Ribeiro, um dos autores do estudo, a conclusão é de que "o melhor caminho para o Brasil, em termos de política comercial, é investir paralelamente em duas frentes: na negociação de acordos comerciais e na redução unilateral de tarifas de importação e de outras barreiras à importação".

"Quando o Brasil reduz as tarifas, há benefícios pela redução do custo de importação de diversos produtos (máquinas, equipamentos e insumos, por exemplo) que vão aumentar a competitividade e a eficiência da produção industrial doméstica", avalia Ribeiro. O pesquisador destaca que a assinatura do acordo entre Mercosul e União Europeia, por exemplo, proporcionará ampliação do acesso dos produtores brasileiros do setor agropecuário ao mercado europeu através de concessão de cotas de importação, além do compromisso dos países de ajustar regras sanitárias, o que aumenta a garantia e a segurança para os exportadores.

A prática de atividades de lazer em idosos institucionalizados

*Tatiane Calve **

O envelhecimento é um fenômeno multifatorial, natural e irreversível dos seres vivos e que vem tendo projeção mundial devido às características do mundo moderno, como a diminuição da natalidade pelo uso de contraceptivos e o avanço da tecnologia nas áreas da saúde.

Segundo a OMS (2018), a população com idade superior a 60 anos chegará a 2 bilhões até 2050. Atualmente, a população idosa, no Brasil, ultrapassa o número de 30,2 milhões, segundo dados do IBGE (2018). Desse número, cerca de 1% da população idosa brasileira se encontra em Instituições de Longa Permanência (ILPs), devido à diminuição da capacidade funcional, cognitiva e psíquica, que aumenta a dependência e necessidade de cuidados em tempo integral.

Nas ILPs os idosos tendem a ser mais sedentários, limitando-se ao deslocamento entre quarto, refeitório e jardim e, muitas vezes, não há interação entre os colegas da instituição. Além disso, a falta da família e amigos leva o idoso ao isolamento, intensificando as comorbidades decorrentes de doenças crônicas e a incidência de depressão e problemas socioafetivos.

Diante desses fatores, faz-se necessário pensar em programas de lazer que permitam ao idoso exercitar o corpo e a mente, assim como desenvolver também as relações interpessoais.

O lazer tem papel significativo para que os idosos institucionalizados possam se divertir, socializar, compartilhar ideias e experiências, expressar seus sentimentos e expor sua criatividade.

Atividades motoras, artesanato, jogos intelectivos, jogos eletrônicos e acesso à internet são algumas possibilidades de atividades que podem ser ofertadas aos idosos institucionalizados. O uso da internet e redes sociais permite ainda que os idosos estejam sempre informados sobre os temas da atualidade e mantenham o relacionamento com os familiares e amigos.

Dessa forma, é possível afirmar que a oferta de lazer reduz danos cognitivos decorrentes do envelhecimento e promove a prevenção, manutenção e desenvolvimento dos aspectos psicomotores, sociais e cognitivos — fatores importantes para o bem-estar e qualidade de vida dos idosos residentes em ILPs.

** Professora nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física do Centro Universitário Internacional Uninter.*

Gestão de Carreira

Para ser protagonista de sua carreira ou de seu negócio é importante entender o cenário do mercado atual uma vez que as constantes mudanças – tecnológicas, sociais e culturais – impactaram diretamente na empregabilidade, no exercício profissional e no sustento financeiro de todos os cidadãos.

Com este livro, você vai desvendar as verdadeiras demandas do mercado de trabalho 4.0, os principais impulsionadores de sucesso de curto e longo prazos, encontrar seus diferenciais e elevar os níveis de autoconhecimento para adquirir confiança, conquistar a melhor versão de si mesmo e ter sucesso em qualquer etapa de sua trajetória profissional.

Neste livro você encontra tudo o que precisa: muitas dicas e reflexões sobre carreira, histórias inspiradoras e reais baseadas na vivência e experiência da autora, testes e técnicas para desenvolvimento profissional, assim como muitas perguntas poderosas de coaching para você ser capaz de fazer a gestão de sua carreira.

O livro Gestão de Carreira, da **Editora Saraiva Uni**, da professora, consultora e coach Miriam Gold, fornece todos os elementos para que o profissional assuma o controle de sua jornada!

GAIA SILVA GAEDE
ADVOGADOS

- Tributário
- Societário
- Regulatório
- Civil Empresarial
- Trabalhista
- Previdenciário

São Paulo | Rio de Janeiro | Curitiba | Belo Horizonte | Brasília

www.gsga.com.br

Queijos Ile de France chegam ao Brasil

Polenghi apresenta sua nova linha com exclusividade.

Em 1936, o navio SS Ile de France – o primeiro grande transatlântico e totalmente decorado no estilo art déco pós Primeira Guerra – foi também o primeiro a levar, da França até os Estados Unidos, os queijos Camembert e Brie. Foi assim que mundo passou a descobrir alguns dos mais variados tipos de queijos produzidos pela França, e agora, a Polenghi, empresa brasileira com mais de 70 anos de expertise, apresenta ao público brasileiro a linha Ile de France – uma seleção dos melhores queijos franceses para serem apreciados mundo a fora. A marca simboliza o estilo de vida francês, com produtos de alta qualidade, proporcionando experiências únicas, com texturas, aromas e intensidades em cada pedaço.

A Polenghi traz, com exclusividade em sua nova linha, os queijos: Brie, apresentado em três tamanhos, dois queijos frescos em formato aperitivo, duas opções de queijo de cabra, Camembert e a linha especial de fatiados. Produzidos na França, que em 2010 a UNESCO reconheceu sua gastronomia como patrimônio imaterial da humanidade, a linha Ile de France preza por trabalhar com pequenas famílias produtoras locais, com leites sempre frescos, seguindo as tradições de produção francesas.

Produzido em Lorraine, região ao nordeste da França, o Brie de 3 kgs traz toda a autenticidade do verdadeiro queijo francês, com uma fina crosta branca, textura fundente e cremosa e odor fresco que lembra avelã. Já o Petit e o Mini Brie são produzidos na região de Haute Marne, passam por um tratamento térmico que conserva todas as qualidades gustativas e o frescor por mais tempo, permitindo assim uma maior vida útil do produto em comparação ao queijo natural tradicional. O queijo Brie harmoniza bem com um Chardonnay ou com um Sauvignon. Para servir, combina perfeitamente com peras, geleias e baguetes. A versão mini possui 25g cada unidade, ideal para um lanche ou snacks.
O Petit Camembert, também produzido em Haute Marne, possui uma grande cremosidade e sabor intenso, realçado ao combinar com vinhos brancos e tintos da região da Borgonha e saboreados com geleia de damasco, mel e figos.

Para quem gosta de reunir os amigos em casa, a arte de degustar queijos deve ser levada a sério, e as linhas Aperifrais e Fatiados premium trazem texturas e intensidades ideais para um verdadeiro tasting. O Ile de France Aperifrais são 20 pequenos pedaços de queijo fresco, do tamanho de uma mordida, temperados com ingredientes característicos que remetem aos sabores de Côte d´Azur e da região de Provence.

Já a linha de fatiados premium traz uma gama completa, ideal para todos os tipos de sanduíches, de quentes a frios. São três diferentes sabores, do suave ao mais intenso: Charmidor, de sabor suave e fácil derretimento; Normantal, de sabor frutado e cremoso; e Baldaran, com sabor rico e ligeiramente mais forte.

Finalizando a gama de Ile de France, a linha de queijos de cabra é representada por dois produtos, ambos feitos a partir de 100% de leite de cabra. O Chavroux é um queijo suave, ideal para iniciantes ao mundo dos queijos de cabra. Possui creme de leite na sua receita que resulta numa textura mais cremosa e fresca, perfeita para espalhar no pão ou combinar em variados preparos culinários. Já o Chèvre, é um queijo fresco feito em St Loup sur Thoeut, localizado em uma pequena cidade da região de Poitou-Charentes, é produzido de acordo com métodos autênticos e resultados típicos de sua origem rural. Sua textura homogênea, firme e tenra, tem sabor característico com um leve toque ácido e harmoniza com uvas, tomates cerejas e uma taça de espumante ou vinho branco.

A Polenghi apresenta a linha completa Ile de France a partir de Agosto de 2019 e será disponibilizada nos mais importantes pontos de venda como Empório Santa Luzia, Saint Marche, Pão de Açúcar e outros. Para mais informações acesse: https://www.polenghi.com.br/

Especialista há mais de 74 anos na arte de produzir os melhores queijos. Os deliciosos produtos Polenghi são presença obrigatória nos principais supermercados e mercearias, no preparo de pratos deliciosos, nas mesas de café da manhã e lanches. Ao longo desses anos, a marca sempre teve o compromisso de proporcionar experiências únicas para os seus consumidores.

"Basiléia IV" - A nova geração dos ativos ponderados pelo risco

*Alyson Ribeiro**

Enquanto Basileia III focou, principalmente, na reforma do capital regulatório, em específico na qualidade da composição de seus instrumentos elegíveis para os níveis de requerimentos de capital, o Comitê de Supervisão Bancária da Basiléia (BCBS), finalizou as revisões regulatórias que foram denominadas pelo mercado como "Basileia IV". O novo arcabouço regulatório prudencial busca melhorar a comparabilidade e transparência entre as instituições, reduzir a excessiva variabilidade dos requisitos de capital e reforçar os níveis de capital do sistema como um todo. Estas novas publicações mudam, consideravelmente, as abordagens para o cálculo dos ativos ponderados pelo risco (RWAs), independentemente do tipo de risco (crédito, contraparte, mercado e operacional), e do uso de modelos de mensuração via abordagens padronizadas ou de modelos internos.

No âmbito das revisões do risco de crédito foram incluídas novas categorias de ponderadores de risco com maior granularidade, conforme a classe dos ativos, como por exemplo empréstimos especiais destinados à "project finance" ou "object finance", na qual os recursos destinados ao pagamento do empréstimo dependem da geração de receita do projeto ou do produto de financiamento, tais como operações destinadas às construções de fábricas, usinas de energia, infraestrutura de transportes, telecomunicações, e equipamentos como aviões, navios e satélites. Para este tipo de operação de financiamento, foram definidos ponderadores de risco de crédito que dependem do estágio da implementação do projeto, podendo ser considerado em fase pré-operacional ou operacional, definindo-se então um requerimento de risco de 80% à 130%, respectivamente. Restringiu-se o uso da abordagem avançada de modelos internos, além de introduzir pisos para os parâmetros de cálculo da perda esperada pelas instituições.

Já para operações destinadas à financiamentos imobiliários, comerciais ou residenciais, considerou-se uma abordagem mais sensível à riscos com base no valor do empréstimo e valor financiado (Loan To Value), podendo variar entre 20% a 150% o requerimento do risco, conforme o atendimento ou não de requisitos operacionais exigidos, tais como o valor justo e estágio da propriedade (concluída ou não), capacidade de pagamento do tomador, dentre outros.

A abordagem revisada de risco de mercado, publicada no início de 2019, estabeleceu novos requerimentos para definir os limites entre as fronteiras das carteiras de negociação e bancária, com requerimentos específicos para estimação de suas exposições em uma nova abordagem com maior sensibilidade do instrumento ao fator de risco. Para o uso de modelos internos, foram estabelecidos ajustes na metodologia de mensuração, usando Expected Shortfall ao invés do Value-at-Risk, e um processo de calibração mais rigoroso na aprovação de modelos, juntamente com uma maior consistência na identificação de fatores de riscos materiais, incorporando também o risco de falta de liquidez no mercado.

No âmbito do risco operacional modelos internos avançados não poderão mais ser utilizados. Introduziu-se o conceito de uma nova abordagem padronizada através do uso de indicador de negócio não ajustado e um outro indicador representando as perdas históricas (componente de perda), ao invés de indicador baseado em resultado de intermediação financeira para mensurar a exposição ao risco operacional. Com a retirada da abordagem de modelos internos avançados, os reguladores poderão transferir seus esforços de supervisão para processos de coleta e qualidade de dados de perda. Os bancos serão obrigados a demonstrar um processo mais robusto de identificação e coleta dos dados de perdas operacionais de maneira eficiente e consistente, uma vez que a nova abordagem padronizada substitui todas as demais abordagens existentes.

As reformas de Basileia IV podem ser consideradas como um dos maiores desafios para as instituições financeiras nos próximos anos. As mudanças propostas são individuais e altamente dependentes dos modelos de negócio, seja através do uso de modelos internos ou modelos padronizados. Devido à maior sensibilidade ao risco, as alterações terão um impacto direto nos produtos, portfólios e áreas de negócios das instituições, que deverão se preparar para os novos requerimentos. Estudos apontam que as reformas levam a um aumento agregado esperado do RWA de € 1,0 trilhão para € 2,5 trilhões, ou um crescimento de 13% a 22% para grandes bancos da Europa, podendo chegar até 73% ao final do período de transição, em janeiro de 2027. Independentemente do impacto, todos os bancos deverão se preparar para este novo arcabouço regulatório, e precisarão repensar sobre as suas atividades de negociação e redesenhar os processos para serem mais eficientes e dinâmicos às necessidades do mercado.

Os desafios para os bancos, em termos de respostas estratégicas aos impactos, podem ser agrupados em quatro níveis, sendo o gerenciamento de capital, a composição do portfólio, a estrutura dos produtos e a estrutura da entidade legal. Desta forma, existem diversos desafios que os bancos terão que enfrentar, sendo que as mudanças exigirão ajustes em todos os modelos de quantificação de riscos, bem como em seus processos que suportam a gestão de riscos, melhorando suas políticas, governança e controles internos, para então atender a completude dos novos requerimentos e propiciar maior transparência e solidez do sistema financeiro.

** Diretor (PwC).*

Igualdade de gênero no empreendedorismo pode gerar US$ 5 trilhões à economia global

Análise do BCG revela que, se homens e mulheres participassem igualmente da criação de novos negócios, o Produto Mundial Bruto (PMB) poderia crescer de 3% a 6%

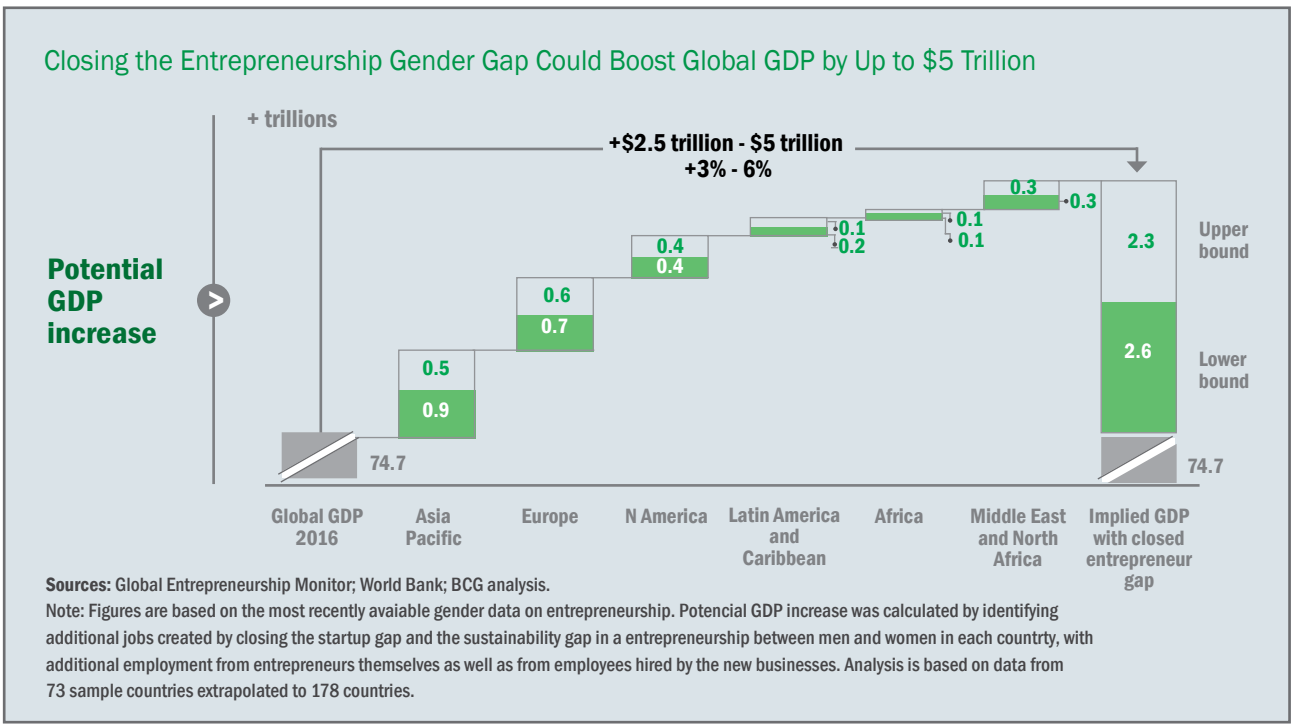
A promoção da igualdade de gênero no empreendedorismo pode gerar até US$ 5 trilhões por ano para a economia global. É o que analisa o Boston Consulting Group (BCG) em seu novo artigo, intitulado Want to Boost the Global Economy by $5 Trillion? Support Women as Entrepreneurs. De acordo com o texto, se homens e mulheres participassem igualmente da criação de novos negócios, o Produto Mundial Bruto (PMB) poderia crescer de 3% a 6%, o que representaria um incremento de US$ 2,5 a US$ 5 trilhões na economia.

A estimativa se baseia, principalmente, no número de novos empregos que seriam criados caso as mulheres tivessem os mesmos incentivos que os homens para empreender. No entanto, elas enfrentam barreiras maiores. A análise mostra, por exemplo, que suas empresas atraem, em média, metade dos investimentos comparadas às organizações fundadas por homens. O gênero masculino também tem acesso mais amplo a redes que estimulam e orientam o crescimento de seus negócios.

ATÉ US$ 200 BI PARA A AMÉRICA LATINA

Para a construção do cálculo, o BCG analisou os indicadores divulgados pelo Global Entrepreneurship Monitor (GEM) e pelo Banco Mundial. O artigo utilizou uma amostra de 73 países – entre eles, o Brasil –, representando 178 nações de todos os continentes (veja a relação abaixo).

A região mais beneficiada seria a Ásia-Pacífico, cuja economia receberia um incremento de US$ 1,7 trilhão. Em seguida, viria a Europa, com crescimento projetado de US$ 1,3 tri. Em terceiro lugar estaria a América do Norte, com previsão de aumento de até US$ 800 bilhões no PIB da região. Na América Latina, o crescimento previsto chegaria a US$ 300 bi (ver gráfico abaixo).



DIFERENÇA TAMBÉM NA LONGEVIDADE

O BCG também analisou dados do GEM de 100 países e trouxe os seguintes insights:

- Em todas as regiões, o índice de homens em idade ativa que iniciam novos negócios é de 4% a 6% maior que o de mulheres na mesma faixa etária.

- Fugindo à tendência global, quatro países – Vietnã, México, Indonésia e Filipinas – tiveram mais mulheres que homens lançando startups em 2016.

- Em metade dos países estudados, a lacuna entre gêneros no empreendedorismo está diminuindo, com destaque para Turquia, Coreia do Sul e Eslováquia.

- Por outro lado, a disparidade aumenta em 40% dos países analisados. Esse movimento é mais evidente na Suíça, no Uruguai e na África do Sul.

A longevidade de empresas também varia de acordo com o gênero de seu fundador. E, neste caso, algumas regiões observam maior disparidade que outras. Por exemplo, enquanto na América Latina empresas criadas por mulheres têm uma probabilidade 11% menor de sobreviver por mais de 3,5 anos, quando comparadas às fundadas por homens; no Oriente Médio e no Norte da África, esse índice chega a 50%. A única região em que as mulheres superam os homens nesse quesito é a América do Norte.

SUPORTE AO EMPREENDEDORISMO FEMININO

Para diminuir essa disparidade entre gêneros, o artigo sugere a criação de redes de apoio para o empreendedorismo feminino. Ele traz como exemplo um projeto da Fundação Cherie Blair para Mulheres realizado na Nigéria e que facilitou o acesso de empresárias a investimentos e capacitação. O resultado foi que as empresas participantes cresceram, em média, 31% em seus lucros.

Por fim, o artigo propõe que essas novas redes sejam amparadas por três princípios: propósito, inclusão e interação. Isso significa que as redes de incentivo deverão pensar em como poderão contribuir efetivamente para que mulheres tenham maior acesso aos capitais humano, financeiro e social; promover as diversidades cultural e de gênero; e facilitar o diálogo entre líderes e participantes.

*Países participantes da amostra: Alemanha, Arábia Saudita, Argentina, Austrália, Áustria, Barbados, Bélgica, Belize, Botswana, Brasil, Bulgária, Burkina Faso, Camarões, Canadá, Catar, Cazaquistão, Chile, China, Chipre, Colômbia, Coreia do Sul, Croácia, Egito, El Salvador, Emirados Árabes Unidos, Equador, Eslováquia, Eslovênia, Espanha, Estados Unidos, Estônia, Filipinas, Finlândia, França, Geórgia, Grécia, Guatemala, Holanda, Hong Kong, Hungria, Índia, Indonésia, Irã, Irlanda, Israel, Itália, Jamaica, Jordânia, Letônia, Líbano, Luxemburgo, Macedônia, Malásia, Marrocos, México, Noruega, Panamá, Peru, Polônia, Porto Rico, Portugal, Reino Unido, Romênia, Rússia, Senegal, Suécia, Suíça, Tailândia, Taiwan, Tunísia, Turquia, Uruguai e Vietnã.

O Boston Consulting Group atua em parceria com lideranças empresariais e sociais, ajudando-as a enfrentar os mais importantes desafios e capturar as melhores oportunidades. O BCG foi pioneiro em estratégia de negócios quando foi fundado, em 1963. Hoje, ajudamos nossos clientes com total transformação, inspirando mudanças complexas, permitindo o crescimento das organizações, construindo vantagem competitiva e gerando resultados de impacto.

Para ser bem-sucedidas, as organizações precisam combinar recursos digitais e humanos. Nossas equipes globais são pautadas pela diversidade e têm profundo conhecimento técnico-funcional em diferentes indústrias, além de múltiplas perspectivas que estimulam a mudança. O BCG ajuda a solucionar desafios por meio da prestação de serviços de consultoria estratégica de ponta, aliada à tecnologia, design, corporate e digital ventures – além de propósito de negócios. Trabalhamos com um modelo colaborativo único que gera resultados e permite a nossos clientes prosperar. Para mais informações, acesse www.bcg.com

Cinco orientações éticas da IA que todo executivo C-level deve ler

*Marcello Pinsdorf **

Especialistas em tecnologia preveem que a taxa de adoção de inteligência artificial (IA) e aprendizado de máquina vai disparar nos próximos dois anos. Essas tecnologias avançadas gerarão ganhos de negócios sem precedentes, mas, ao longo do caminho, os líderes corporativos precisarão lidar rapidamente com uma miscelânea de novos dilemas éticos. Isso inclui tudo, desde viés algorítmico de IA e problemas de privacidade de dados até questões de segurança pública de máquinas autônomas executadas com IA.

Como a tecnologia da IA e suas funções de uso estão mudando muito rapidamente, os executivos terão dificuldade em se manter à frente dessas preocupações éticas sem algum tipo de roteiro. A fim de orientar tanto o pensamento profundo quanto a rápida tomada de decisões sobre tecnologias de IA emergentes, as organizações devem considerar o desenvolvimento de uma estrutura interna de ética de IA.

Esse quadro não será capaz de dar conta de todas as exigências que uma empresa encontrará em sua jornada para aumentar a adoção da IA, mas pode lançar as bases para futuras discussões executivas. Com uma estrutura em mãos, eles poderão planejar com confiança um caminho sensato que se alinhe com a cultura, a tolerância ao risco e os objetivos de negócios da empresa.

A boa notícia é que os executivos não precisarão criar uma estrutura de ética em IA do nada. Muitos pensadores inteligentes no mundo da IA têm ponderado sobre questões de ética há algum tempo e publicaram uma série de diretrizes fundamentais que uma organização pode usar para elaborar um quadro que faça sentido para seus negócios. A seguir, estão cinco dos melhores recursos para que líderes de tecnologia e ética possam começar essa jornada.

INSTITUTO FUTURE OF LIFE

Princípios da IA de Asilomar

Desenvolvido em conjunto com a conferência Asilomar 2017, essa lista de princípios tem sido universalmente citada como ponto de referência por todos os outros quadros de ética e padrões de IA introduzidos desde a sua publicação. Assinado por mais de 1.200 pesquisadores de IA e robótica e mais de 2.500 outros dignitários técnicos, incluindo Stephen Hawking, Elon Musk e Ray Kurzweil, esse recurso é uma lista simples de princípios fundamentais que devem guiar líderes empresariais, formuladores de políticas governamentais e tecnólogos, à medida que progredimos com o avanço da IA.

IAPP

Desenvolvendo a ética em quadros de privacidade para Big Data e IA

Esse documento prático é leitura obrigatória para executivos de empresas que tentam lidar com questões de ética em IA. Ele oferece uma explicação concisa das preocupações éticas em jogo nos usos aplicados de IA e Big Data, bem como as consequências de ignorar essas questões. Oferece também um resumo das ferramentas disponíveis para organizações que buscam não apenas desenvolver estruturas internas, mas também operacionalizar políticas de ética de dados. Ele ajuda os líderes de ética em IA a considerarem as preocupações específicas do setor, as nuances organizacionais e até mesmo as diferenças departamentais na criação de um *framework* que seja tão flexível quanto holístico.

"Várias estruturas de ética de dados devem ter recursos comuns para garantir um padrão ético de práticas de dados uniformemente alto. No entanto essas estruturas serão mais eficazes se forem flexíveis o suficiente para serem adaptadas a cada empresa e organização específica, ajustando o tamanho, os recursos, a área de assunto e o impacto nas questões dos dados", diz trecho do documento.

IEEE

Iniciativa global da IEEE sobre a ética de sistemas autônomos

Desde 2016, o IEEE tem assumido a liderança na organização de discursos entre pensadores, técnicos, líderes empresariais e especialistas em políticas públicas sobre o projeto ético de sistemas autônomos e inteligentes. Como parte desse trabalho, a iniciativa global sobre a ética de sistemas autônomos e inteligentes do IEEE publicou o Ethically Aligned Design, uma verdadeira bíblia para abordar "valores e atenções, bem como implementações" desses sistemas. Esse volume digital de quase 300 páginas oferece uma tonelada de valor aos executivos que embarcam na jornada de desenvolvimento de uma estrutura interna.

Além disso, a iniciativa global da IEEE lidera o esforço nos grupos de trabalho de padrões IEEE P7000, que oferecem processos de orientação de modelos para abordar

preocupações éticas durante o projeto do sistema, privacidade de dados, viés algorítmico e outros tópicos importantes na ética da IA.

ONG EPIC (ELECTRONIC PRIVATE INFORMATION CENTER)

Diretrizes universais para inteligência artificial

Introduzidas em outubro de 2018, essas diretrizes foram escritas para serem "incorporadas a padrões éticos, adotadas em leis nacionais e acordos internacionais, e incorporadas ao projeto de sistemas". É um documento voltado para os direitos humanos com ênfase em transparência, imparcialidade, precisão e qualidade dos dados, além de exigir do governo a restrição de perfis secretos ou da classificação dos cidadãos.

"Nossa preocupação é com os sistemas que impactam os direitos das pessoas. Acima de tudo, esses sistemas não devem causar danos", escrevem seus criadores.

CONSELHO DA UNIÃO EUROPEIA

Diretrizes sobre inteligência artificial e proteção de dados

Elaborado por um grupo independente de consultores de ética em IA e ajustado com o uso de mais de 500 comentários durante um período de feedback de cinco meses, esse é um dos quadros públicos mais recentes e mais abrangentes sobre a ética da IA até hoje. Não é um documento de política oficial ou regulamento da Comissão Europeia, mas sim um conjunto de sugestões destinadas a orientar o discurso público sobre a IA confiável.

Essas diretrizes visam ajudar os projetistas e usuários de IA a escolherem sistemas que sejam legais, éticos e robustos, com sete princípios que estabelecem o que é necessário para criar uma IA confiável:

- **agência e supervisão humana:** incluindo direitos fundamentais, ação e supervisão humanos;
- **robustez e segurança técnica:** incluindo resiliência a ataques e segurança, plano de retorno e segurança geral, precisão, confiabilidade e reprodutibilidade;
- **privacidade e governança de dados:** incluindo respeito pela privacidade, qualidade e integridade dos dados e acesso aos dados;
- **transparência:** incluindo rastreabilidade, explicabilidade e comunicação;
- **diversidade, não discriminação e justiça:** incluindo a prevenção de preconceitos, acessibilidade e design universal, e a participação de stakeholders;
- **bem-estar social e ambiental:** incluindo sustentabilidade e respeito pelo meio ambiente, impacto social, sociedade e democracia;
- **responsabilidade:** incluindo auditabilidade, minimização e relato de impacto negativo, compensações e reparação.

SOBRE A BLACKBERRY

A BlackBerry Limited capacita as Enterprises of Things, empresas equipadas com a Internet das Coisas, fornecendo a tecnologia que permite que os endpoints confiem uns nos outros, comuniquem-se com segurança e mantenham a privacidade. Com sede em Waterloo, Ontário, Canadá, a empresa foi fundada em 1984 e opera globalmente. Para mais informações, visite www.BlackBerry.com e siga @ BlackBerry.

BlackBerry e marcas comerciais, nomes e logotipos relacionados são propriedade da BlackBerry Limited e são registrados e/ou usados em vários países. Todas as outras marcas são de propriedade de seus respectivos proprietários. A BlackBerry não é responsável por nenhum produto ou serviço de terceiros.

SOBRE A CYLANCE

A Cylance desenvolve inteligência artificial (IA)para fornecer produtos de segurança preventivos e soluções inteligentes, simples e confiáveis, que mudam a forma como as organizações abordam a segurança de terminais. A Cylance fornece prevenção e visibilidade de ameaças de espectro total em toda a empresa para combater os ataques de segurança cibernética mais notórios e avançados. Com prevenção de malware baseada em IA, detecção de ameaças, detecção e resposta automatizadas e serviços de segurança especializados, a Cylance protege o endpoint sem aumentar a carga de trabalho ou os custos da equipe. Nós chamamos isso de Ciência da Segurança. Saiba mais em www.cylance.com.

**** Country manager da BlackBerry Cylance no Brasil. Formado em Engenharia Eletrônica pela Escola de Engenharia de Mauá e com MBA em TI pela Faculdade Getúlio Vargas, o executivo tem como seu principal desafio ampliar a presença da empresa no país, levando a segurança da informação baseada em inteligência artificial a todas as empresas brasileiras.***

Ponte bancada por Itaipu já atrai atenção de grandes investidores para o Porto Meira

A região do Porto Meira, uma das mais importantes de Foz do Iguaçu, no Paraná, começa a atrair a atenção de grandes investidores nacionais e internacionais devido à construção da Ponte da Integração Brasil-Paraguai, bancada pela Itaipu Binacional. A obra, que já está na fase inicial, tem investimento inicial de cerca de R$ 60 milhões.

Está prevista, por exemplo, a vinda de um shopping com "duty free", voltado para lazer e entretenimento, e a instalação da maior roda-gigante da América Latina, com 90 metros de altura. A roda-gigante mais famosa do mundo, a de Londres, tem 135 metros.

Os nomes dos investidores ainda são mantidos em sigilo por questão contratual, mas se os investimentos se confirmarem, a região, que reúne 32 bairros, passará a ter um novo perfil econômico, com abertura de novas frentes de trabalho, geração de riqueza e maior segurança para turistas e moradores. A Ponte da Integração fará do Porto Meira um importante eixo de importação e exportação entre o Brasil e o Paraguai.

"É exatamente essa transformação e esse legado que a Itaipu quer promover. Não só no bairro, como em toda a cidade, a região de fronteira e os municípios vizinhos dos dois lados do Rio Paraná", diz o diretor-geral brasileiro de Itaipu, Joaquim Silva e Luna.

Para o general Luiz Felipe Carbonell, diretor de Coordenação – área de Itaipu responsável diretamente pela obra, "a segunda ponte sobre o Rio Paraná, por si só, abre frentes de trabalho nos dois lados da fronteira. Somando-se a esses investimentos previstos, isso criará condições para o Porto Meira reviver tempos áureos".

Carbonell se refere à época em que era feita a travessia de balsa, pelo Porto Meira, entre o Brasil e Argentina. Segundo matéria publicada na revista da Associação Comercial e Industrial de Foz do Iguaçu (Acifi), formava-se um verdadeiro formigueiro humano na descida da barranca do Rio Iguaçu, de brasileiros que seguiam de barco para Puerto Iguazú, na Argentina.

Depois, foi construída a Ponte Tancredo Neves e o Porto Meira perdeu seu maior atrativo, que era justamente servir para a travessia entre os dois países, com argentinos vindo comprar no Brasil e brasileiros indo para lá fazer compras.

A Ponte da Integração Brasil-Paraguai, entre Foz do Iguaçu e Presidente Franco, a segunda sobre o Rio Paraná, tem investimento previsto de R$ 463 milhões, custeado totalmente pela margem brasileira da Itaipu. Deste valor, R$ 323 milhões serão usados na construção da ponte e R$ 140 milhões nas obras da Perimetral Leste, que ligará a ponte e a BR-277, permitindo que os caminhões procedentes da Argentina e do Paraguai acessem diretamente a rodovia federal brasileira, sem passar pela área urbana de Foz do Iguaçu.

A nova ligação, cuja obra é gerida pelo governo do Estado, deve ficar pronta em três anos. A construção começou no último dia 7 de agosto.

EM QUE PÉ ESTÁ?

O consórcio Construbase-Cidade-Paulitec, responsável pela obra, está trabalhando na terraplanagem e montagem do canteiro de obras. Na sequência, será feita a fundação – o bloco principal que vai segurar os mastros de 120 metros responsáveis pela sustentação da ponte.

Para o início serão usadas 20 máquinas, como caminhões, tratores de esteira, motoniveladoras, escavadeiras hidráulicas, rolo compactadores, entre outras.

A previsão é que, no pico das obras, sejam contratados cerca de 500 trabalhadores – cem a mais do que previsto inicialmente – e que de 10 a 12 empresas atuem de forma indireta na construção da ponte.

Com 760 metros de comprimento e vão-livre de 470 metros, o maior de uma ponte estaiada no Brasil, a obra terá duas torres de 120m de altura. A pista terá 3,7m de largura de cada lado, acostamento de 3m e calçada de 1,7m.

Com 20 unidades geradoras e 14 mil MW de potência instalada, a Itaipu Binacional é líder mundial na geração de energia limpa e renovável, tendo produzido, desde 1984, mais de 2,6 bilhões de MWh. Em 2016, a usina brasileira e paraguaia retomou o recorde mundial anual de geração de energia, com a marca de 103.098.366 MWh. Em 2018, a hidrelétrica foi responsável pelo abastecimento de 15% de toda a energia consumida pelo Brasil e de 90% do Paraguai.

Experiência = Eficácia

BRANCO

www.brancoconsultores.com

Corp Services Group

- CONSULTORIA TRIBUTÁRIA
- ASSESSORIA JURÍDICA TRIBUTÁRIA
- PERÍCIAS CONTÁBEIS

RIO DE JANEIRO (NOVO ENDEREÇO)
Avenida das Américas, 3434
Bloco 4 - Salas 311 e 312
Condomínio Henrique Simonsen
Barra da Tijuca - Rio de Janeiro - RJ
CEP 22.640-102
Tel.: 21 32315900

SÃO PAULO
Rua Vergueiro, 2087 - Cj. 101
Vila Mariana - São Paulo
CEP 04.101-000
Tel.: 11 5087 8910
Fax: 11 5087 8810

IBEF comemora 48 anos e nova diretoria 2019/2021 toma posse

No último mês de junho foi realizado o almoço de comemoração dos 48 anos do IBEF e tomou posse a nova diretoria para o biênio 2019/2021.

Marcos Varejão, secretário geral do IBEF, abriu o evento agradecendo a presença de todos e parabenizando o instituto pelo aniversário de 48 anos. Em seguida, Ricardo Vieira Coelho, atual presidente do Conselho de Administração e ex-presidente da diretoria executiva, declarou-se honrado por ter estado a frente do instituto nos últimos quatro anos, passando então seu antigo cargo para Gustavo Damázio de Noronha, atual presidente da diretoria executiva, e responsável por abrir a palestra do secretário Estadual de Desenvolvimento Econômico e Geração de Emprego e Renda, Lucas Tristão.

O secretário ressaltou a importância do novo governo para o Estado do Rio de Janeiro, abordando questões econômicas e sociais para realização de mudanças positivas na agenda econômica. O incentivo à cultura do empreendedorismo foi um dos pontos apresentados, assim como a importância de investir em segurança.

O almoço-palestra, com degustação de vinhos, foi uma ótima oportunidade para os membros associados e diretores desenvolverem *networking* e discutirem questões relevantes acerca da situação política e econômica atual do país.

EMBRAPII vai explorar ecossistema de inovação nos EUA

A Empresa Brasileira de Pesquisa e Inovação Industrial (EMBRAPII) liderou missão internacional aos Estados Unidos que levou gestores, pesquisadores e empresários brasileiros a importantes centros de pesquisas, Innovation Labs e startups norte-americanos. A intenção dos encontros foi conectar a indústria brasileira e Unidades EMBRAPII ao ecossistema de inovação americano, além de fortalecer a geração de novos negócios e a cooperação entre empresas, startups e instituições dos dois países.

O programa, que ocorreu em setembro, se concentrará em conhecer estratégias nas áreas de Internet das Coisas, Inteligência Artificial, Manufatura Avançada e Novos Materiais e Dispositivos Médicos. Na programação estiveram previstas agendas em duas cidades: Nova York, que vem criando um ambiente favorável à criação de empresas de tecnologia e internet, e Boston, uma das principais cidades americanas para aplicação de novas ideias no campo da ciência, tecnologia e economia.

O diretor de Planejamento e Gestão da EMBRAPII, José Luis Gordon, destaca que a Missão permitirá um intercâmbio de ideias e conhecimento entre Brasil e EUA. "Nosso propósito é explorar ao máximo as potencialidades dos locais visitados em relação à agenda de inovação. Nova York e Boston reúnem a criatividade de startups e a bagagem de pessoas de diversas partes do mundo com a grande tradição no desenvolvimento de soluções tecnológicas e o conhecimento de Universidades renovadas."

A EMBRAPII atua por meio da cooperação com instituições de pesquisa científica e tecnológica, públicas ou privadas, tendo como foco as demandas empresariais e como alvo o compartilhamento de risco na fase pré-competitiva da inovação. Atualmente, há 42 unidades credenciadas pelo país.

Representantes do CNJ apresentam projeto "justiça presente" a gestores do TRF3

Trata-se de uma parceria interinstitucional para enfrentar a crise do encarceramento, com ações coordenadas nacionalmente e customizadas para cada unidade federativa
A comitiva do projeto "Justiça Presente", do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), em cooperação com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), reuniu-se, no dia 25/7, com magistrados e representantes do Grupo de Monitoramento e Fiscalização do Sistema Carcerário (GMF) no Tribunal Regional Federal da 3.ª Região (TRF3), em São Paulo.

A reunião foi conduzida pela Juíza Federal em Auxílio à Presidência do TRF3, Raquel Fernandez Perrini, e pelo Coordenador do Departamento de Monitoração e Fiscalização do Sistema Carcerário e do Sistema de Execução de Medidas Socioeducativas (DMF) do CNJ, Juiz Auxiliar da Presidência daquele Conselho, Luís Geraldo Sant'Ana Lanfredi.

O objetivo do encontro foi apresentar o "Justiça Presente – Programa Para uma Justiça Penal Mais Eficiente" ao TRF3, primeiro Tribunal Federal a receber a comitiva. O programa está sendo implementado no país e possui quatro eixos, que devem ser observados de forma simultânea. O Eixo 1 trata da superlotação e combate ao superencarceramento. O Eixo 2 tem foco no sistema socioeducativo. Já o Eixo 3 desenvolverá trabalhos relacionados à cidadania e à segurança, dentro e fora dos presídios, com atenção às pessoas egressas. O 4.º Eixo investe em Tecnologia, a exemplo da implantação do Sistema Eletrônico de Execução Unificada (SEEU), da biometria e da documentação civil.

Segundo a Juíza Federal Raquel Fernandez Perrini, o programa é bem vindo e importante para identificar problemas e aprimorar o sistema na busca por alternativas penais diversas do encarceramento, e que a integração dos trabalhos com a Corregedoria-Regional da Justiça Federal da 3.ª Região (CORE) produzirá resultados mais expressivos.
O Juiz Luís Geraldo Sant'Ana Lanfredi disse que o TRF3 é primeiro tribunal federal a conhecer como funciona o programa. "O projeto é uma parceria interinstitucional inédita para enfrentar a crise prisional no país, com ações coordenadas nacionalmente e customizadas a cada unidade federativa".

O magistrado elogiou a digitalização de 8.500 processos pelo TRF3 para inserção no SEEU, cuja implantação está prevista para o período de 27 de agosto a 27 de setembro de 2019.
A intenção do "Justiça Presente" é obter resultados visíveis em curto e médio prazo. Para isso, haverá auxílio de coordenadores estaduais e de consultores em audiência de custódia que apoiarão na busca de soluções eficazes para o tema nas Seções Judiciárias de São Paulo (SJSP) e de Mato Grosso do Sul (SJMS).

CRISE DO SISTEMA PRISIONAL

O diagnóstico nacional realizado pelo CNJ aponta crise permanente no sistema prisional. Entre 1990 e 2016, houve o crescimento de 707% da população carcerária. Hoje, no país, mais de 800 mil pessoas estão em privação de liberdade, sendo 240 mil somente no Estado de São Paulo (dados do Banco Nacional de Monitoramento Prisional – BNMP/2019). Para reduzir essa situação, o programa prevê o engajamento de atores em rede (Judiciário, Executivo, sociedade civil), com divisão de responsabilidades, e parceria inédita entre o CNJ e o PNUD.

Entre as ações do "Justiça Presente" estão a integração de base de dados do Instituto de Identificação Ricardo

Gumbleton Daunt, de São Paulo, com a do o Tribunal Superior Eleitoral (TSE): a emissão de documentação civil para pessoas privadas de liberdade, as iniciativas de inclusão social e inserção produtiva, entre outras.

PRESENÇAS

Além da Juíza Federal Raquel Perrini, a reunião também contou com a participação da Juíza Federal Giselle de Amaro e França (em Auxílio à CORE) e da Juíza Federal Substituta Andréia Silva Sarney Costa Moruzzi (1.ª Vara Criminal Federal de São Paulo), bem como dos servidores Carlos Henrique Masena Naso (Gabinete do Desembargador Federal Fausto De Sanctis), Matheus Henrique de Paiva Carvalho (Assessor Judiciário da Diretoria Geral) e David Panessa Baccelli (Assessor de Gestão de Sistemas de Informação).

Por videoconferência, na SJMS, participaram: o Juiz Federal Substituto Felipe Bittencourt Potrich (5.ª Vara Federal Criminal de Campo Grande); os servidores Ana Célia Lubas Silva (Supervisora da Seção de Execuções Penais da 5.ª Vara Federal Criminal de Campo Grande) e o Osny Magalhães Pereira (Diretor do Núcleo de Apoio Judiciário da SJMS).

Estiveram presentes os membros da Comitiva do CNJ/PNUD, coordenada pelo Juiz Luís Geraldo Sant'Ana Lanfredi: Ricardo de Lins e Horta (Chefe de Gabinete do DMF); Marcus Castelo Branco Alves Rito (Coordenador de Atividades, Eixo 4 – SEEU/Biometria, do CNJ/PNUD); Alexander Cambraia Vaz (Coordenador Técnico, Eixo 4 – SEEU/Biometria, do CNJ/PNUD), Rafael Barreto Souza (Coordenador Técnico Adjunto, Eixo 1, do CNJ/PNUD); Felipe Athayde Lins de Melo (Consultor – Políticas Prisionais, do CNJ/PNUD); Ana Carolina Pekny (Consultora – Audiência de Custódia, do CNJ/PNUD); e Tânia Pinc (Coordenadora Estadual, do CNJ/PNUD).
Participou da reunião o Assessor-Chefe de Gestão de Identificação da Presidência do TSE, Iuri Camargo Kisovec.

Expediente

O Instituto Brasileiro de Executivos de Finanças - IBEF Rio de Janeiro criado em 19 de maio de 1971, na cidade de sua sede nacional, o Rio de Janeiro, é uma entidade sem fins lucrativos considerada de utilidade pública nas esferas de governo federal, estadual e municipal, apartidária e que reúne os principais executivos e empresários do país.

Avenida Rio Branco, 156/4º andar Ala C - Centro - Rio de Janeiro, RJ - CEP:20040-003
Tel: (21) 2217-5555/5566 / ibefrio@ibefrio.org.br
Institucional: ibefrio.org.br / Programação: agenda.ibefrio.org.br / Locação de Ambientes: loc.ibefrio.org.br

BIÊNIO 2019/2021 - IBEF RIO DE JANEIRO

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente - *Ricardo Emmanuel Vieira Coelho*

Vice-presidente - *José Domingos Vargas*

Membros - *Gustavo Carvalho Pierotti, Jorge Saul Doctorovich, Manuel Fernandes Rodrigues de Sousa, Márcio João de Andrade Fortes, Mônica Oliveira Costa Pinto Bendia, Sérgio Burrowes Raposo e Thomas Klien*

DIRETORIA VOGAL

Consultar em: *www.ibefrio.org.br/secoes/page/64/Diretoria-Vogal*

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente - *Gustavo Damázio de Noronha*

1º Vice-presidente - *Sergio Burrowes Raposo*

Vice-presidentes - *Fernando Potsch de Carvalho e Silva, Mônica Oliveira Costa Pinto Bendia e Patricio Marques Roche*
Secretário Geral - Marcos Chouin Varejão

CONSELHO FISCAL

Presidente - *Claudio Roberto Contador*
Membros - *Luiz Affonso Neiva Romano e Paulo Sérgio Costa Lima Marques*
Suplentes - *Gustavo Tavares da Cunha Mello, João Carlos Reichmann Mader e Roberto Bar*

Revista IBEF

Conselho Editorial
Eduardo Facó Lemgruber, Henrique Luz, João Paulo dos Reis Velloso, José Gandelman, Márcio Fortes, Marcos Chouin Varejão, Merval Pereira, Nilton Molina, Roberto Lima Netto, Sidney Rezende, Theophilo de Azeredo Santos e Valmar Paes

Editor Responsável
Eduardo Cantidiano

Jornalista
Vilma Goulart (MTB 18585)

Distribuição
Simone Lira

Programação Visual
Red Design Comunicação

Fotos
Banco de imagens Red Design
Unsplash

Pesquisa
Wikipedia

Publicidade e Marketing
EC - Editora e Comunicação
Eduardo Cantidiano
e.cantidiano@openlink.com.br
(21) 99619-0771

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução de artigos publicados na Revista IBEF, desde que citada a fonte.
O IBEF não se responsabiliza por opiniões emitidas em artigos assinados.

Elétricos são viáveis no Brasil?

*Ricardo Takahira**

Em sintonia com a tendência mundial a evolução do transporte elétrico no Brasil pode ser dada como certa no contexto dos negócios relacionados à mobilidade, em toda a sua abrangência. Os sinais são evidentes no País pela presença - maior a cada ano - de produtos e soluções em veículos, eletropostos e subsegmentos eletrificados, como patinetes e bicicletas, além de iniciativas de *startups* e importadoras que só fazem aumentar com a eletromobilidade.

No quesito tecnologias, a eletrificação começa agora avançar para modais como a aviação. Não é de hoje que isso acontece. O programa SORA-e gerou o primeiro avião elétrico tripulado de dois lugares produzido na América Latina, que fez seu primeiro voo sobre São José dos Campos (SP) em 2015. Porém, atualmente grandes grupos do segmento anunciaram o início de atividades efetivas para o desenvolvimento de aeronaves elétricas tripuladas.

Possibilidades à parte é preciso considerar que a infraestrutura de recarga para a mobilidade terrestre está entre os desafios a que os veículos elétricos tenham seu uso intensificado no Brasil, na medida da necessidade de uma nação como a nossa, de dimensões continentais. A dificuldade é real, mas iniciativas como o Corredor Elétrico Sul, que estabelece condições de recarga entre Curitiba (PR) e Florianópolis (SC), já estão em prática com o objetivo da criação de uma malha de estações capaz de tornar viáveis as viagens em trechos de longos percursos intermunicipais e interestaduais.

A importância da criação de eletrovias é indiscutível, mas essa é apenas uma parte do complexo universo sinérgico que envolve a eletromobilidade no Brasil, onde, diga-se, faltam usuários. Ainda carecemos de medidas capazes de alavancar a introdução massiva de veículos leves e pesados propelidos por eletrificação na frota local. Nessa ótica o transporte público de passageiros e de cargas é o que se mostra mais propício à criação de rotas e ao uso de estrutura planejada. No entanto, a infraestrutura para recarga de baterias de uma frota de ônibus elétricos é outro desafio a ser resolvido, no mínimo quanto aos seus custos, implicações para o entorno e a própria manutenção do sistema.

Mundo afora, os países que decidiram pela adoção dos propulsores elétricos antes de nós ainda trabalham na tarefa de descobrir soluções locais para fazer do elétrico um negócio rentável. É assim que deve ser. Soluções são sempre o melhor que se pode fazer por um determinado tempo, até que novas saídas sejam necessárias. Enquanto o governo alemão introduziu bônus ambiental para fomentar a compra de carros elétricos para alcançar a meta de 1 milhão de veículos no país até 2020, a qual está longe de conseguir, a Noruega ostenta a maior concentração mundial de carros elétricos em relação ao número de habitantes.

Por aqui a cadência é outra, e as oportunidades também. São imperativas neste momento a discussão, atualização e análise do estado da arte do mercado com as novas iniciativas e lançamentos, perante o panorama industrial e econômico, a política industrial representada no ROTA 2030 e o envolvimento do setor elétrico em projetos e modelos de negócio para eletromobilidade no País. Esse será basicamente o foco do Simpósio SAE BRASIL de Veículos Elétricos e Híbridos, agendado para 13 de agosto, em São Paulo.

Enquanto isso, o movimento brasileiro rumo à eletromobilidade segue seu curso. Duas montadoras presentes no País instalaram suas manufaturas de VE's por aqui, uma para a fabricação de veículos leves (híbridos-etanol flexfuel) e outra para pesados - ônibus (híbrido-elétrico flexfuel), e caminhão (puro elétrico), já em operação em uma distribuidora de bebidas parceira no projeto. Sim, os elétricos são viáveis no Brasil.

**Chairperson do 8º Simpósio SAE BRASIL de Veículos Elétricos e Híbridos, é engenheiro eletricista, consultor sênior na Research & Technology, sócio fundador da Startup Key Advanced Technology, professor Universitário de Pós graduação na FACENS e no Instituto Mauá de Tecnologia, nas cadeiras de Veiculos Elétricos, Mobilidade e Conectividade, tendo prestado serviços para o Projeto de Cooperação Internacional em Eletromobilidade em Brasília em parceria com ministérios.*

Russell Bedford
taking you further

A **experiência** que vai a campo.

www.**russellbedford**.com.br

contato@russellbedford.com.br (55 11) 4007.1219

DPZ&T

Pela 16ª vez consecutiva, o Itaú é a marca mais valiosa do país no ranking Interbrand.

Acreditamos que nossa marca só tem tanto valor porque você está no centro dela. Atender você cada dia melhor, sempre com ética e transparência, é a nossa busca diária. É o que existe de mais valioso para nós.

Itaú